This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

8178

CAMPO DE FLORES

CAMPO DE FLORES

POR

JOÃO DE DEUS

EXAME DA CHAMADA «EDIÇÃO AUTHENTICA E DEFINITIVA»
PELOS DIRECTORES DA *Revista Nova*

ALFREDO DA CUNHA E TRINDADE COELHO

(COM 58 COMPOSIÇÕES NOVAS)

LISBOA
TYPOGRAPHIA E STEREOTYPIA MODERNA
11 — Apostolos — 1.º
1894

869.8.
D4860
C97

CAMPO DE FLORES

(NO ALBUM DA FILHA MAIS VELHA DO POETA)

João de Deus ha só um.
Podem seculos sem termo,
De cada inhospito ermo,
De cada brejo commum,
Formar mimoso jardim :
Campo de flores assim
Não se verá mais nenhum !
João de Deus ha só um.

M. DUARTE D'ALMEIDA.

«Quando se trata de individualidades supremas, todas as minucias tornam-se factos capitaes...»

THEOPHILO BRAGA—*João de Deus e a renovação do moderno lyrismo.—Revista de Portugal*, vol. IV, pag. 257, linhas 13 a 15; *As modernas ideias na litteratura portugueza*, vol. II, pag. 5, linhas 15 e 16.

«Tem deixado bem accentuada (o sr. Theophilo Braga) a sua passagem na sociedade contemporanea, como o raio que ao entrar n'uma habitação funde os metaes, estraga os moveis, parte os vidros e assombra os moradores.»

TEIXEIRA BASTOS — *Theophilo Braga e a sua obra*, pag. 16, linhas 5 a 10.

I

Se a Imprensa Nacional não fosse um instituto official e por conseguinte rotineiro, ao certo que a recente edição da lyrica de João de Deus corresponderia, na sua execução material e typographica, ao valor singularissimo do livro. Não póde dizer-se que a arte typographica, a mais linda das artes, esteja atrazada em Portugal. O que lhe falta é gosto, o que não possue é elegancia; resultando de semelhante facto o imperdoavel peccado de se fazer com excellentes materiaes (porque os temos, nossos e importados) uma obra na maioria dos casos antipathica, desageitada e pesadona. Tirante as edições do sr. Avelino Fernandes, os trabalhos recentes de typographia bibliographica dirigidos em Coimbra pelo sr. Albino da Silva e no Porto pelo sr. Carregal, e as modernas edições da casa Antonio Maria Pereira, especialisando a *Vida de Nun'Alvares*, agora sahida, e que é um primor, os nossos livros fundem-se todos na mesma vulgaridade archaica de factura, que os torna deselegantissimos, e teem todos esse typo commum e banal, em que parece ter estacionado entre nós a arte de compôr livros.

João de Deus. CAMPO DE FLORES. — Edição authentica e definitiva, coordenada por Theophilo Braga. Imprensa Nacional, MDCCCXCIII. 1 vol. in-8.º de xx-703 pag.

Não é preciso amar João de Deus como nós o amamos, para se ter pena de vêr espalmados os seus versos n'uma edição d'estas, que é, a despeito das suas pretenções, quasi grosseira. Mas visto tratar-se d'elle, que é um dos primeiros poetas portuguezes d'este seculo, e o irmão germano de Camões, a typographia portugueza tinha, mais do que em relação a outro qualquer, o dever de corresponder quanto possivel com o seu trabalho, ao trabalho do grande poeta. Assim, ahi temos nós a Musa de João de Deus vestida, em pleno sol, com um sobretudo do sr. Theophilo Braga, e coberta, ainda por cima, com a cartola do sr. Deslandes!...

Desde que se pretendeu condensar n'um só volume toda (?) a lyrica de João de Deus, o mais vulgar sentimento de proporcionalidade repellia o formato in-8.º, que por força iria dar ao livro aquella grossura fóra das marcas, fazendo d'elle aquillo que sahiu — mais um parallelipipedo de papel, do que um livro!

E que necessidade havia de chancellar de *authentica e definitiva* esta edição dos versos do grande lyrico? Nenhuma. Nem João de Deus está já tão velho, que a sua obra não possa ainda proseguir — o que aliás repugna, em certo sentido, á immobilidade a que essa rubrica impertinente parece haver condemnado a sua actividade — nem ha cousa alguma que nos auctorise, ou auctorise o proprio poeta a pensar, que, perante a obra realisada, o seu espirito não haja de sentir ainda, — hoje, amanhã, algum dia — necessidade de um retoque ou de uma alteração, que nunca seriam, crêmol-o bem, prejudiciaes á gloria da obra, e que poderiam até, pelo contrario, ser-lhe uteis, como tencionamos demonstrar.

Está claro que não admittimos, nem por sombras, que semelhante rubrica sahisse de João de Deus: é evidentemente da lavra e da responsabilidade do sr. Theophilo Braga, e só d'elle, e isso equivale, afinal, antes de mais nada, a uma interposição impertinente da sua pessoa, aliás muito respeitavel, entre a pessoa e a obra de João de Deus.

Chega e sobeja, decerto, esse livro, para levar á perpetuidade da fama e da gloria o nome de João de Deus. Mas nem é o inventario de uma herança, porque João de Deus ainda vive, nem é tão pouco o arrolamento de uma massa fallida, porque o grande poeta é ainda, e sel-o-ha por largos annos (Deus o queira!) um dos mais ricos e invejados monarchas da poesia europeia d'este seculo.

Tambem não concordamos, diga-se de passagem, com o titulo dado á collecção: *Campo de Flores.* Não porque nos pareça pretencioso, embora seja... como diremos? um pouco... *precioso*, senão porque chamando-se *Flores do Campo* um dos livros recolhidos n'este, é manifesto o parentesco dos dois titulos, e manifesta, por conseguinte, a nulla originalidade do segundo, para não dizermos o seu mau gosto. Fôra melhor, n'esse caminho, chamar á collecção *Folhas e Flores*, formula collectiva achada por um encadernador, quando reuniu, n'um só volume, os dois livros de João de Deus: *Folhas Soltas* e *Flores do Campo.*

*
* *

Mas passemos agora a outra ordem de considerações. A edição é precedida de umas *Observações prévias* feitas pelo sr. Theophilo Braga. São meia duzia de paginas em que pouco mais se faz do que expôr e justificar o plano e as bases da edição. E' um depoimento do sr. Theophilo Braga a favor do seu trabalho de collecionador, e pouco mais.

Ora a pag. VIII d'essas *Observações*, affirma o sr. Theophilo Braga que o compilador das *Folhas Soltas*, volume publicado em 1876, attribuiu n'esse volume a João de Deus poesias alheias.

Esta asserção do sr. Theophilo Braga surprehendeu-nos. Sabiamos, porque isso já constava de documentos escriptos, que a poesia intitulada *A melopêa de Dorothêa*, publicada a pag. 100 das *Folhas Soltas*, era original do sr. Couto Monteiro; (1) mas suppunha-

(1) A *Melopêa de Dorothêa* foi originariamente publicada em folhetim do *Jornal da Noite* de terça-feira de entrudo, 25 de fevereiro de 1873, e assignava-a *Thomaz Lamprea.* N'uma carta que o illustre magistrado sr. Couto Monteiro dirigiu ao sr. Rodrigues Cordeiro, e que se lê a pag. XXIII do *Novo Almanach de Lembranças* de 1882, ha o seguinte periodo, elucidativo da paternidade e da historia d'aquella composição:

«A *Melopêa de Dorothêa*, brinquedo metrico que eu não destinára á publicidade, teve a fortuna d'agradar a um amigo nosso que o mandou para o *Jornal da Noite*, onde foi publicado em folhetim na terça-feira de entrudo de 1873, sob a epigraphe: *Litteratura superior n'esta quadra.* Tres annos depois appareceu a *Dorothêa* entre as *Folhas Soltas* de João de Deus, toda soberba e dengosa com a sua filiação adopti-

mos do grande poeta as restantes, sem excepção. Por isso, e como o sr. Theophilo não designava quaes eram as demais composições apocriphas, demo-nos ao trabalho de verificar, pelo confronto das *Folhas Soltas* com o *Campo de Flores*, quaes as composições d'aquelle livro não incluidas n'este. Organisámos para esse effeito o mappa que n'outro logar publicamos, no qual, já que tinhamos de o fazer para aquelle fim, incluimos outros elementos que nos permittem poder confrontar com o *Campo de Flores* não só as *Folhas Soltas*, mas ainda a 1.ª edição das *Flores do Campo*, (publicada sem data, mas que o *Diccionario Bibliographico* attribue a 1869), e a 2.ª edição do mesmo livro, publicada em 1876.

Está claro que as composições que tivessem vindo nas *Folhas Soltas* e não apparecessem no *Campo de Flores* nem na folha avulsa das *Cryptinas*, deviam, pois, considerar-se apocriphas, segundo o remoque do sr. Theophilo ao compilador das *Folhas Soltas*.

Feito o confronto, apurámos que ficaram fóra do *Campo de Flores* as seguintes composições das *Folhas Soltas:* a poesia *Theatro de Lisboa*, que vem a pag. 89; o soneto *A monarchia*, de pag. 93, e então *A melopêa de Dorothêa*, que principia a pag. 100. Estas tres e mais nenhuma.

Ora a paternidade da *Melopêa de Dorothêa* está averiguada, como já dissemos. Não nos parece, porém, que ás duas restantes, dadas agora por apocriphas, a mesma felicidade esteja reservada... Se não são de João de Deus, de quem são? Salvo o nosso muito respeito pelo adjectivo *authentica*, decorativo da recente edição, quer-nos parecer que João de Deus não renegava a paternidade d'aquellas duas peças. E quanto á opinião do sr. Theophilo, o novo

---

va! Tive tambem um certo desvanecimento de a vêr tão nobilitada, mas Teixeira de Vasconcellos, que a conhecia desde o berço humilde, notou no seu jornal a apparição. João de Deus explicou-a no dia seguinte, e a infeliz *Dorothêa* teve de conformar-se com a obscuridade da sua origem.»

A publicação da *Melopêa de Dorothêa*, em folhetim do *Jornal da Noite*, era precedida d'estas palavras alegres:—«A seguinte poesia, que como outras muitas d'egual arrojo lyrico, aspira modestamente á immortalidade, filia-se na escola dos trovadores peninsulares, e póde, sem grande esforço genealogico, considerar-se descendente legitima do *Figueiral figueiredo*, de Goesto Ansur.»

tutor da Musa de João de Deus, é elle mesmo que se encarrega de nos dizer, em duas passagens da sua obra, que as duas peças agora dadas por apocriphas, as dez quadras *Theatro de Lisboa* e o soneto *Monarchia*, são com effeito... de João de Deus!

Disse-o na *Revista de Portugal*, e repetiu-o no livro *As modernas ideias na litteratura portugueza*: «A poesia *Theatro de Lisboa* (palavras do sr. Theophilo) é um quadro realista, em que o senso moral popular triumpha sobre o convencionalismo dos desnaturados costumes burguezes.» E insiste, poucas linhas adeante (pag. 62): — «Na sua angustia economica, João de Deus era duramente explorado pelos livreiros, com prejuizo da vulgarisação dos seus versos. Na satyra *Theatro de Lisboa* vem a confissão ingenua:

Os versos não me dão bastantes meios... »

E transcreve a quadra.

Quanto ao soneto *Monarchia*, achava o sr. Theophilo Braga que era *uma synthese* (pag. 60) e transcrevia-lhe até os dois tercetos!

Que significa isto? Que o sr. Theophilo Braga estava em erro quando attribuiu primitivamente a João de Deus estas duas peças? Não o crêmos, porque iamos jurar que o *Theatro de Lisboa* e a *Monarchia* são originaes de João de Deus, e que o sr. Theophilo Braga sabe isso muito bem... No entanto, relegadas da obra de João de Deus, daremos nós, mais adeante, agasalho ás engeitadas; mas aqui lavramos, desde já, publicos editos, chamando para estas peças do espolio do grande poeta quem se julgar a ellas com direito — inclusivé o sr. Theophilo Braga...

As restantes poesias das *Folhas Soltas*, essas foram todas incluidas no *Campo de Flores*, nos logares e com as variantes de titulos que vão indicados no mappa, — tendo passado para as *Cryptinas* apenas estas tres: — o soneto *Resposta*, que vinha a pag. 107 das *Folhas Soltas*, e que passou para pag. 2 das *Cryptinas*, sob o titulo abstruso de *Arripiar carreira*, mas expurgado (?!) da dedicatoria a Gomes Leal; o soneto *Ao D. de N.*, que se lia a pag. 99 das *Folhas Soltas*, e que passou para as *Cryptinas* com o titulo *D. de N.*; e finalmente, *Um marido ardendo em zelos*, que pas-

sou de pag. 71 das *Folhas Soltas* para pag. 15 das *Cryptinas*, onde tem o titulo de *Chamusco*. (1)

*
* *

Da simples inspecção do mappa organisado resaltam as seguintes conclusões immediatas: — 1.ª que são em numero de 237 as composições que formam o volume *Campo de Flores;* 2.ª que no *Campo de Flores* se encontram *todas* as composições que formavam a 1.ª edição das *Flores do Campo*, e bem assim *todas* as que formavam a 2.ª edição e que eram as mesmas da primeira e quasi com os mesmos titulos, (pois que a 2.ª edição apenas, a bem dizer, differe da 1.ª na paginação, e em leves correcções, que não vale a pena indicar;) 3.ª que no *Campo de Flores* se encontram igualmente todas as composições que constituiam o volume (edição unica) das *Folhas Soltas,* excepto: a) *A melopêa de Dorothêa*, que se averiguou ser apocripha; b) as quadras *Theatro de Lisboa* e o soneto *Monarchia*, consideradas apocriphas pelo argumento deduzido de pag. VIII das *Observações prévias* do *Campo de Flores;* c) as composições *Resposta*, *Ao D. de N.*, e *Um marido ardendo em ciumes,* as quaes passaram para a folha avulsa das *Cryptinas*, com os titulos, respectivamente, de *Arripiar carreira*, *D. de N.* e *Chamusco;* 4.ª que no *Campo de Flores* se encontram 106 composições novas, isto é, extranhas ás *Flores do Campo* e *Folhas Soltas*, e que são, no mappa, as dos numeros d'ordem seguintes, acompanhadas de um asterisco (*): 6, 21 a 26, 31, 32, 49, 63, 78, 79, 90 a 92, 97 a 99, 108 a 110, 117, 119, 121 a 136, 138, 142 a 147, 149, 151 a 154, 162, 167, 168, 172 a 178,

(1) As *Cryptinas* abrangem 11 composições, a saber: 1.ª, *Arripiar carreira*, a pag. 2, que era o soneto *Resposta*, offerecido a Gomes Leal a pag. 107 das *Folhas Soltas;* 2.ª, *Desafio,* pag. 3, dedicado a Francisco d'Almeida; 3.ª *D. de N.*, pag. 4, que era o soneto *Ao D. de N.*, de pag. 99 das *Folhas Soltas;* 4.ª, *Guardanapo*, pag. 5; 5.ª, *Cambrone*, pag. 6; 6.ª, *Careca*, pag. 8; 7.ª *Equivoco*, pag. 10; 8.ª *Pedagogia*, pag. 11; 9.ª *Mestra monstro*, pag. 12: 10.ª, *Ao frontão* (tres), pag. 13 e 14, 11.ª, *Chamusco*, pag. 15, que era *Um marido ardendo em ciumes*, de pag. 71 das *Folhas Soltas.*

oimbra	..	Coimbra	N	N	..	»
»	..	»	(2)	(6)	..	A D. Candida Nazareth
.....	N	Alt. e Alg.	..	..	N	N
N	..	»	N	N	..	»
.....	N	Coimbra	..	..	N	»
.....	»	»	..	..	»	»
oimbra	..	»	N	N	..	»
isboa	..	Lisboa *a*)	»	»	..	»
.....	N	»	..	..	N	»
vora	..	Alt. e Alg.	N	N	..	»
.....	..	Coimbra	(3)	(7)	..	A. Janny
.....	..	»	..	..	..	Ed. Aug. Teix. Barbosa
.....	..	Alt. e Alg.	..	..	..	N
N	..	»	(4)	(8)	..	»
lessines	..	»	(5)	(9)	..	Anthero
oimbra	..	»	N	N	..	N
lessines	..	»	»	»	..	»
.....	..	Lisboa *a*)	..	..	..	D. Carolina Michaelis
.....	..	» *b*)	..	..	..	Esposa de T. Braga
.....	..	Coimbra	..	..	..	N
lessines	..	Alt. e Alg.	N	N	..	»
»	..	»	»	»	..	»
oimbra	..	Coimbra	»	»	..	»
lessines	..	Alt. e Alg.	N	N	..	N
vora	..	»	»	»	..	»
lessines	..	»	»	»	..	»
»	..	»	»	»	..	»
vora	..	»	»	»	..	»
.....	..	Lisboa *b*)	..	..	..	Joaquim de Araujo
.....	..	»	..	..	..	Silva Pinto
.....	..	»	..	..	..	N
oimbra	..	Coimbra	N	N	..	»
.....	N	Lisboa *a*)	..	..	N	»
.....	»	»	..	..	»	»
.....	..	»	..	..	..	»
.....	N	»	..	..	N	»
.....	»	»	..	..	»	»
.....	..	»	..	..	..	»
.....	N	»	..	..	N	»
.....	..	»	..	..	..	»
.....	N	»	..	..	N	»

ıtal. (9) A. do Quental. (10) Luciano Cordeiro

ES		Epocha no Campo de Flores	DEDICATORIAS			
C.	Folhas Soltas		Fl. do Campo 1.ª edic.	Fl. do Campo 2.ª edic.	Folhas Soltas	Campo de Flores
121...	..	Lisboa *b)*	..	..	..	N
122...	..	»	..	..	..	»
123...	..	»	..	..	..	»
124...	..	»	..	..	..	»
125...	..	»	..	..	..	Alice Moderno
126...	.	»	..	..	..	N
127...	..	»	..	..	..	»
128...	..	»	..	..	..	»
129...	..	Lisboa *b)*	..	..	..	»
130...	..	»	..	..	..	»
131...	..	»	..	..	..	»
132...	..	»	..	..	..	Anthero de Quental
133...	..	»	..	..	..	N
134...	..	»	..	..	..	»
135...	..	»	..	..	..	»
136...	..	»	..	..	..	»
						»
137...	N	Alt. e Alg.	..	..	N	
138...	..	Coimbra	..	..	..	»
139	..	Alt. e Alg.	N	N	..	Joseph Bénoliel
140...	N	Lisboa	..	..	N	N
141						
...	»	»	..	..	»	»
142...	..	»	..	..	..	»
143...	..	Lisboa *b)*	..	..	..	»
144...	..	»	..	..	..	»
145...	..	»	..	..	..	»
146...	..	Lisboa *a)*	..	..	..	»
147...	..	» *b)*	..	..	..	Marco Antonio Canini
148...	N	Alt. e Alg.	..	..	N	N
149...	..	Lisboa *a)*	..	..	..	»
150	..	Coimbra	N	N	..	»
151...	..	Lisboa *b)*	..	..	..	N
152...	..	»	..	..	..	»
153						
...	..	»	..	..	..	»
23 ...	..	»	..	..	..	»
23 ...	..	»	..	..	..	»
23 ...	..	»	..	..	..	»

180 a 206, 211, 213 a 216, 220, 225 a 227, 229, e 231 a 237. O mappa indica tambem adeante de cada titulo a pagina a que a respectiva composição se encontra no *Campo de Flores*, e bem assim, nas composições communs, a pagina respectiva tanto na 1.ª como na 2.ª edição das *Flores do Campo*, e emfim nas *Folhas Soltas*.

*
* *

Como o sr. Theophilo Braga, além de haver classificado em generos poeticos as composições incluidas no *Campo de Flores*— *Cançonetas*, *Odes e canções*, *Elegias*, *Idyllios*, *Disticos*, *Canticos*, *Fabulas*, *Satyras e Epigrammas*, *Poemetos*, *Versões e imitações* e *Theatro* — as classificou tambem por epocas chronologicas — *Epocha de Coimbra*, *Epocha do Alemtejo e Algarve*, e *Epocha de Lisboa*, abrangendo esta dois periodos: a) *Passividade*, b) *Pessimismo e quietação*, pareceu-nos util e interessante indicar no mappa, adeante de cada titulo, o genero em que a respectiva composição fôra classificada pelo sr. Theophilo Braga; e bem assim, em confronto com a rubrica local assignada no final de certas poesias na 1.ª e 2.ª edição das *Flores do Campo*, e nas *Folhas Soltas*, a epocha ás mesmas poesias assignada agora no *Campo de Flores*, pelo sr. Theophilo Braga. Finalmente, o mappa habilita ainda o leitor a conhecer as *dedicatorias* que as varias poesias tinham na 1.ª e na 2.ª edição das *Flores do Campo*; as que traziam nas *Folhas Soltas*; e finalmente, as que acompanham agora certas poesias do *Campo de Flores*. Nada d'isto é indifferente, como se verá.

*
* *

Como atraz dissemos, certas poesias que vinham já nas *Flores do Campo* e nas *Folhas Soltas*, soffreram, transplantadas para o *Campo de Flores*, alteração de titulo. A 1.ª poesia, por exemplo, do *Campo de Flores*, intitulada *Amor*, tinha, a pagina 51 das *Folhas Soltas*, est'outro titulo: *Leonor*. Outro exemplo: a poesia *A uns olhos azues*, (n.º de ordem, 44) que na 1.ª edição das *Flores do Campo* vinha a pag. 121, e que na 2.ª se reproduziu com

o mesmo titulo a pag. 119, essa poesia passou a chamar-se *Fascinação* no *Campo de Flores;* etc.

Na maior parte dos casos, a crisma, como já se vê d'aquella amostra, foi sem vantagem; e até porque um soneto das *Flores do Campo* fallava em Jove, o sr. Theophilo chamou-lhe... *Arcadia!* Melhor fôra, por conseguinte, que o sr. Theophilo Braga se tivesse limitado a pôr titulos ás poesias que o não tinham, e cuja designação indiceal era indicada nos livros anteriores pelo primeiro verso ou pelas primeiras palavras do verso, como acontecia, para exemplo, á composição de pag. 54 e 53 da 1.ª e 2.ª edição das *Flores do Campo* —*Thuribulo suspenso inda fluctuo* — a qual, ainda assim, o sr. Theophilo Braga incluiu a pag. 55 do *Campo de Flores* (n.º d'ordem, 20) com o titulo improprio de *Thuribulo,* que não diz nada ou sôa falso...

Em muitos casos, porém, a emenda de titulos foi, a nosso ver, peor que o soneto; n'outros, foi pueril, como a de mudar *Desanimo* para *Desalento,* (n.º d'ordem, 69) e *Duvida* para *Mal sabes,* (n.º d'ordem, 61); n'outros emfim, os titulos *novos* repugnam á ideia e ao sentimento da composição, ou são d'ella divergentes mais ou menos, como cada um póde verificar.

Fartou-se, pois, o sr. Theophilo Braga de alterar titulos, e fel-o, a nosso ver, sem a minima vantagem para o volume. Mas precisamente onde seria sensato, racional e conveniente que alterasse, não alterou: referimo-nos ás composições que tinham *titulos communs,* que no *Campo de Flores* foram mantidos, advindo d'essa duplicação, e até quadruplicação, confusões que por vezes arreliaram o nosso trabalho, e hão-de arreliar mais de um leitor. Assim, com o titulo *Margarida,* apparecem no *Campo de Flores* duas composições: uma a pag. 187, e outra a pag. 249; dá-se o mesmo caso com o titulo *Sempre,* repetido a pag. 185 e 322; o mesmo com o titulo *Violeta,* que se repete a pag. 640 e 681; ainda o mesmo com o titulo *Olhar,* repetido a pag. 168 e 186; não fallando em *Epitaphio,* titulo que surge no volume quatro vezes, nas seguintes paginas: 334, 336, 337 e 416; etc.

Notam-se estas coisas, e vamos notar muitas outras, porque n'uma edição *definitiva,* que é um monumento, as proprias coisas pequenas constituem ás vezes grandes defeitos, e porque o sr. Theophilo Braga, que vive de esquirolas, disse o que nós ado-

ptámos atraz: que fallando-se de João de Deus, e por conseguinte, e *a fortiori*, da sua obra, todas as minucias são poucas. Eia pois !

*
* *

Na primeira edição das *Flores do Campo,* a maior parte das poesias trazem no fim a rubrica local, isto é, a designação da localidade onde foram escriptas. As mesmas rubricas passaram, respectivamente, para a 2.ª edição do mesmo livro. Nas *Folhas Soltas*, porém, todas as composições são desacompanhadas de rubrica local, excepto uma: a poesia *Indo a casar-se um gebo,* de pag. 70, (que passou, diga-se entre parenthesis, para o *Campo de Flores*, pag. 422, com o titulo patusco de *Arrecebo*) a qual vem rubricada de Messines. (Veja no mappa o n.º d'ordem 170).

Em compensação, no *Campo de Flores*, todas (1) as peças teem localidade marcada, ou melhor, pertencem a qualquer d'estas epochas, chorographicamente marcadas:—*Coimbra, Alemtejo e Algarve* (comprehendendo-se n'estas as de Evora, Messines e Portimão) e *Lisboa.*

Ora acontece uma coisa:—que esta classificação do sr. Theophilo Braga, está, em muitos casos, em opposição com as rubricas locaes assignadas a varias poesias nas edições anteriores. Vejam os n.os d'ordem 10, 18, 29, 48, 52, 53, 55, 58, 60, 72, 95 e 221, cujas rubricas locaes nas *Flores do Campo* divergem da epocha, e portanto da chorographia, respectivamente assignada a cada uma no *Campo de Flores.*

Quem falla, pois, verdade? A rubrica do final de certas poesias das *Flores do Campo*, ou o indice chronologico elaborado pelo sr. Theophilo no *Campo de Flores?* A nossa fé vae toda para as rubricas das *Flores do Campo,* visto que este livro tem menos 17 annos do que o segundo, isto é, está muito mais perto

(1) *Todas*, não é verdade. *Todas,* menos as do *Additamento.* Mas este additamento é um enxerto, e não podemos, portanto, contar com elle em raciocinios de caracter geral. Na devida altura nos referiremos a elle como merece...

da epocha da factura das composições, o que depõe, está claro, a favor da maior exactidão das suas informações.

Insistimos em não fazer grande caso do adjectivo *authentica*, decorativo d'esta edição definitiva, porque para nós é ponto de fé que João de Deus pequena quantidade de pregos, e ainda menor porção de estopa, metteu n'ella... Entender-nos-hemos, pois, sempre com o sr. Theophilo Braga, e só com elle, já que o seu nome apparece a gaz no frontispicio do livro, com as responsabilidades de *coordenador*...

*
* *

As composições que formam o *Campo de Flores* não nos apparecem, porém, atravez do volume, coordenadas pela sua ordem chronologica. Essa coordenação chronologica apenas consta de um indice (pag. xv a xx). Em vez, por conseguinte, de dispôr essas composições, ao travez do volume, pela ordem das suas datas, o que seria o mesmo que dispôl-as «por um encadeamento *psychologico*, representando estados da alma nas phases ascencionaes do sentimento», o sr. Theophilo Braga preferiu catalogal-as em generos poeticos — pondo primeiro as *Cançonetas* (pag. 3 a 80); depois as *Odes e canções* (pag. 85 a 206); em seguida as *Elegias*, (pag. 211 a 267); em quarto logar os *Idylios* (pag. 271 a 313); a seguir os *Disticos* (pag. 319 a 343); depois os *Canticos* (pag. 347 a 376); immediatamente as *Fabulas* (pag. 379 a 391); logo a seguir as *Satyras e epigrammas* (pag. 395 a 514); depois os *Poemetos* (pag. 521 a 553); em seguida as *Versões e imitações* (pag. 563 a 641); e finalmente o *Theatro* (pag. 644 a 677).

Esta classificação didactica, lembrando uma classificação de selecta, não nos parece que fosse a preferivel, embora, confessamol-o, seja acceitavel em principio, dado que as composições poeticas possam, effectivamente, catalogar-se, como as drogas de uma pharmacia. Quer-nos, porém, parecer que na hypothese do *Campo de Flores*, a collocação dos generos poeticos pela ordem acima indicada, foi demasiado arbitraria, não só porque essa ordem podia ser inclusivamente a contraria, ou outra qualquer, ao capricho do colleccionador, mas sobretudo porque

difficilmente se encontrariam dois individuos, professores de rhetorica ou poetas, que assignassem a grande numero das composições do *Campo de Flores* o mesmo genero que o sr. Theophilo Braga, professor de litteratura e poeta, a seu talante lhes assignou. Estamos até em affirmar que ninguem teria a ideia que teve o sr. Theophilo Braga de incluir, por exemplo, nas *Elegias*, que o soberbo poemeto d'*A vida* inicia, aquelles versos *A Herman*, e ainda outros, e bem assim a lembrança, um quasi nada jacobina *(ça va sans dire!)*, de incluir nas *Satyras e Epigrammas* o soneto a *D. Pedro II*, que todos supporiam sincero... Em compensação, vem nas *Odes e canções* a *Alma perdida*, que é uma elegia delicadissima; a poesia *Desalento*, que é tambem uma elegia; nos *Disticos* a poesia *Engeitadinha*, que ninguem sabe porque lá está; etc.

O mesmo poderiamos dizer, emfim, d'outras composições incluidas nos demais generos, um por um, e iamos até apostar que o proprio sr. Theophilo Braga, se lhe baralhassem hoje as composições do *Campo de Flores*, para as arrumar de novo, não punha duas no logar onde estão agora, collocadas por sua mão!

De mais a mais, o sr. Theophilo teve a ingenuidade de collocar no fim do volume, á laia, tambem, de genero poetico, um *Additamento*, cujas composições, está claro, não classificou, por lhe terem chegado... fóra do praso! Ora n'uma edição definitiva, e de mais a mais authentica, um *remendo* d'estes, e uma lacuna d'este quilate, são inadmissiveis a todos os respeitos! Não só porque revelam que á feitura da edição não presidiu aquelle cuidado que devia presidir, (o que afinal abalou e deixou instavel todo o seu trabalho de coordenador, além de o carimbar de imperfeito), mas ainda porque deixam logo desconfiado o leitor, e com razão, de que no volume não está coordenada, porque não está sequer incluida, *toda a lyrica* de João de Deus — ao contrario do affirmado no prologo.

E não está, effectivamente, no volume, toda a lyrica do grande poeta. Fôra bom, por conseguinte, que o sr. Theophilo Braga houvesse ao menos declarado que não era definitivo o *Additamento*, pois é certo, já agora, que o havel-o cancelado com a mesma chave, — o chavão com que aferrolhou João de Deus na enfermaria dos invalidos do trabalho, — faz com que andem cá por fóra, quaes almas-penadas, composições que sendo authenticas de

João de Deus, ficaram, todavia, *per omnia sæcula sæculorum*, fóra do paraizo do *Campo de Flores!* N'outro logar, porém, lhes daremos guarida, aquando ás *apocriphas* — não admittindo, sequer, nem por sombras, que o sr. Thephilo as deixasse fóra *de proposito:* já porque seria offender o que algumas d'essas composições teem de possoal em relação a terceiros; já porque se a questão era simplesmente de valor relativo, o sr. Theophilo incluiu outras no *Campo de Flores,* que deviam, por maioria de razão, ficar na rua...

Mas não! O sr. Theophilo Braga o que quiz foi colleccionar *tudo.* Elle o diz no prologo, e está-lhe na massa do sangue: — «Colligir toda a concepção poetica por uma fórma integral, mesmo quando *dormitat Homerus,* por isso que o traço mais casual e descuidado servirá de futuro...» Sabem para que servirá de futuro o traço mais casual e descuidado?... «para comprehender esta synthese surprehendente, que se chama o grande poeta!»

Parece até uma ironia, mas não é!... De resto, o sr. Theophilo Braga já applicou o mesmo processo nos *Raios de extincta luz*, se bem que teimam em affirmar as más linguas que o fez de caso pensado e rixa velha — de proposito para que o futuro, que lhe ha-de ter em muita conta os libellos, como elle espera, apeie do seu throno alguns degraus, ao menos alguns degraus, a genial figura de Anthero...

Ora nós vamos dizer ao sr. Theophilo Braga uma coisa que nunca ninguem lhe disse em lettra redonda, mas que anda ahi na bocca de todos: o sr. Theophilo é um grande trabalhador, não ha duvida; mas creia a posteridade que os seus contemporaneos já sabem o seguinte: que o sr. Theophilo tem propagado nos seus livros tantas verdades como mentiras, e que pelo que toca a intenções de trabalho critico, todo o seu desejo é atirar com os outros ao meio do chão, uns assim, outros assado, uns por este processo, outros por aquelle, afim de ficar em evidencia apenas elle — *totus, solus, unus*, em cima de uma piramide de calhamaços!

Pouco lhe importa produzir bem: a questão é produzir, a questão é atirar para a rua com algumas dezenas de livros que interrompam a circulação, e obriguem quem passe a exclamar:

— E' a mudança da Bibliotheca!

No entanto — aproveitemos já agora até ao fim esta monção de franqueza! — quando o melhor livro do sr. Theophilo Braga

nem de nome já existir sequer, o peor soneto de Anthero, por exemplo, será como acabado de escrever, — estará «como na hora», como diz dos *Lusiadas* João de Deus.

Não nos illudâmos: o futuro ha-de encarregar-se de marcar a cada um o seu justo logar, e este haverá de ser determinado, contra todos os sonhos e até contra todas as imposições da nossa vaidade, não pela *quantidade* dos nossos livros, que é zero, mas simples e unicamente pela sua *qualidade*, que é tudo.

A Humanidade pensa, trabalha e produz ha infinitos annos. Todavia, quantas são as obras cyclicas da Humanidade? Meia duzia. E póde prever-se rigorosamente que n'esta ancia de perfeito, de original e de inedito, que traz desvairado o espirito moderno, cada livro, d'aqui a um seculo o mais tardar, custará um cerebro... E ainda bem!

«Mon verre est petit, mais je bois par mon verre», dizia Musset. Não vale, pois, tambem a pena pôrmo-nos a beber pelo cangirão dos outros, e importa, sobretudo, sermos originaes, o que é bem melhor, mil vezes, que sermos eruditos. Em vez de se limitar a pôr o seu nome, devotamente, no pedestal das grandes estatuas, o sr. Theophilo Braga tem a mania, que já aborrece, de o collocar á guiza de aureola, ou em ar de resplendor immortal, circumdando a fronte dos grandes homens. Lá lhe pareceu que pelo seu altissimo valor, e pela sua extranha e superna originalidade, João de Deus estava naturalmente destinado á perpetuidade da fama, e não quiz, por conseguinte, que as credenciaes do seu genio passassem á posteridade sem a sua rubrica...

Mas a verdade é esta: se João de Deus, pela sua apathia, não podia ou não estava para ser o coordenador da sua propria obra, cumpria ao sr. Theophilo, visto que desejou suppril-o, ser um coordenador digno d'elle. Fazendo, porém, o que fez, isto é, exagerando o seu papel de coordenador ao ponto de incluir no *Campo de Flores* composições que tanto podem ser de João de Deus como de qualquer João Fernandes, o sr. Theophilo Braga não se mostrou um *coordenador*, mostrou-se, o que é muito differente, um *colleccionador*, e revelou-nos que a «devoção» com que lhe colligiu os versos, bons e maus, é a mesma com que lhe colleccionaria, por exemplo, os cadernos por onde aprendeu a escrever, se ainda existissem.

A compilação integral da obra de João de Deus é para nós, por uma razão de intelligencia e de sentimento, uma coisa que nos repugna. Póde o sr. Theophilo Braga não comprehender isto, e nós mesmos não saberiamos explicar-lh'o a ponto de o convencermos, na parte, principalmente, em que a sua obra nos contende com a sensibilidade. Mas atravez da leitura do *Campo de Flores*, muitas vezes chegámos a ter a sensação de vêr debater-se, ferida no coração e nas azas, a inspiração do grande poeta; e não era sem o receio de um desfallecimento imminente, e mesmo de uma queda, que o nosso espirito via librar-se nas maximas alturas, roçando os astros com as azas, a grande e nitentissima figura da sua Musa...

Como todos os que escrevem, principalmente como todos os grandes artistas, João de Deus tem coisas boas e coisas más, coisas geniaes e coisas banaes, porque o proprio sol tem eclypses. Os testamenteiros de Victor Hugo estão sendo acerbamente censurados pelo facto de darem á luz, com um desplante de que nem a vontade do glorioso morto os absolve, o refugo da obra do Mestre. É o caso do sr. Theophilo Braga, publicando por simples espirito de collecionador, que não pelo motivo allegado, que importa um criterio falsissimo de critica, toda a obra de João de Deus. Á «synthese admiravel» do grande poeta, como diz o sr. Theophilo, não interessa, ou interessa mediocremente, o conhecimento do que a sua obra tem de mau. Aquelle que para a definição d'essa maravilhosa synthese se não contentasse com o que na obra de João de Deus ha de genial, e que chega, á farta e á larga, e até sobeja, para a gloria e para a immortalidade de dois grandes poetas, quanto mais de um só, esse não seria tambem capaz, (e muito menos seria digno) de alar-se com subsidios d'outra ordem á definição d'essa «grande synthese». Mas esse defeito que é muito grave, prolongado, de mais a mais, fóra do volume, por aquella excrescencia das *Cryptinas*, que desfloram, sem o minimo proveito, a Musa do grande poeta, e que até parecem um appello á pornographia, em beneficio do exito financeiro da edição!— esse defeito, dizemos, é aggravado pela semcerimonia, se não quizerem chamar-lhe outra coisa, com que n'uma edição averbada de *definitiva*, se deixaram subsistir, ao lado dos mais desleixados erros de syllaba, os erros mais inadmissiveis de gram-

matica, — não fallando, já se vê, nas rimas erradas, nos versos frouxos, nas ambiguidades e nas dissonancias, em toda a serie de defeitos, em summa, que sendo facilmente corrigiveis, podiam e deviam ter sido corrigidos, afim de não parecerem n'uma edição definitiva, que é, de mais a mais, tambem *authentica*, productos da ignorancia do poeta, ou, o que é peor, do seu despreso pela Arte.

Não! A lenda de que João de Deus não revê os seus versos não póde subsistir. O confronto a que procedemos, com todo o vagar, das composições do *Campo de Flores* com as versões primitivas das *Flores do Campo* e das *Folhas Soltas*, convenceu-nos de que João de Deus revê e corrige os seus versos, como adeante demonstraremos pacientemente. Mais uma razão, portanto, para que o sr. Theophilo Braga se compenetrasse, e fizesse compenetrar o grande poeta, de que em vez de mudar aqui um verbo e ali um substantivo, uma palavra aqui, e ali uma preposição ou uma conjuncção, (e quantas vezes com exito negativo!) fôra melhor depurar a sua obra dos erros e desleixos de forma que em muitos pontos a deformavam, e que são hoje, com o seu caracter authentico e definitivo, afiançado, ademais, pelo sr. Theophilo, não simples lapsos, como até aqui, productos de uma espontaneidade poetica levada a um quasi estado de inconsciencia, avessa a toda a especie de formulas, ainda as mais comesinhas, da metrica e da grammatica,—mas verdadeiras e indiscutiveis imperfeições, que teem, porque são *definitivas*, de carregar com verdadeiras culpas e indeclinaveis responsabilidades, sobre o valor litterario do poeta — considerado, aquilatado e julgado como escriptor e como artista.

Isto é que se não admitte; e isto é tão grave, que, dada, por um lado, a apathia de João de Deus e a lentidão quasi descoroçoada do seu trabalho, e, por outro, o fervor com que o sr. Theophilo Braga usa atabalhoar todas as coisas litterarias de que se encarrega, persistimos em relegar de cima da edição do *Campo de Flores* os dois adjectivos com que se decora, de *authentica e definitiva*, porque elles não passam, no fim de contas, de duas falsas moedas, — moedas falsas com que a vaidade do sr. Theophilo Braga se quiz pagar, ainda por cima, do seu trabalho de coordenador!

Entendamo-nos: queremos acreditar que o sr. Theophilo Braga procedeu, no fundo e em principio, com a melhor das intenções. Mas das boas intenções está o inferno cheio; e visto que já fez a Anthero um desserviço igual, (e que ainda não foi, por vergonha nossa! castigado como merecia), e o repetiu agora com João de Deus, é preciso, por uma vez, que o não repita com mais ninguem. Gostaria o sr. Theophilo Braga que n'uma edição definitiva da sua obra poetica lhe incluissem, por exemplo, as *Folhas Verdes?* Vamos a vêr se gostava:

O CANTO DA MINHA TERRA

PARA A CHEGADA DO SERENISSIMO INFANTE DOM LUIZ

Salve, salve nobre infante
Linda flor de Portugal!
D'esta-terra aqui distante
Vens-lhe ouvir seu madrigal!
Vaga esteira, um mar infindo
E' porta do torrão lindo
Vinde 'nelle veilejar!
Dar-te-hão finos louvores
Cá, da tarde as bellas côres
E da noite o negrejar!

Vinde Infante ás nossas terras
Cá terás fallas de amor!
Dos prados singelas relvas
Das veigas mimosa flôr!
Das aves terás o canto
Do sol o ridente encanto
De todas o coração!
Não achas da graça os mezes,
Mas peitos de portuguezes
Para tal veneração! — *etc.*!!!

Gostava? Ou para a definição da sua «grande synthese» não são precisas aquellas lembranças?...

Em summa, João de Deus reside com effeito ali dentro, no *Campo de Flores*. Mas tão atulhado de inutilidades, mas tão carregado e conturbado de imperfeições — veniaes, embora, porque são corrigiveis; veniaes, embora, porque basta o primor impeccavel de certas peças para o absolver dos desleixos de todas as mais!

— que é preciso, que é urgente, que é já agora um dever sagrado, resgatal-o d'aquella edição para outra que seja inteiramente digna d'elle por ser absolutamente perfeita, e digna ao mesmo tempo da devoção que por elle professamos, e da poesia e da alma portuguezas, que teem em João de Deus, n'este seculo, um dos seus mais genuinos interpretes.

No *Campo de Flores*, as obras-primas, isto é, as composições absolutamente perfeitas, como por exemplo a *Adoração*, abundam. Ora ha-de ser com ellas, com essas realissimas e extranhas maravilhas, que todas as linguas modulariam commovidas, que o verdadeiro livro de João de Deus ha-de ser formado. Esse livro, porém, qualquer mulher intelligente o organizaria muito melhor que o sr. Theophilo Braga — cujo nenhum gosto litterario, ou melhor, cujo gosto litterario negativo, o levou a preferir, na obra toda affectuosa de João de Deus, n'essa obra toda coração, precisamente aquellas composições a que poderemos chamar *intellectuaes*, isto é, feitas a frio com o cerebro, e portanto á sobreposse, mas que são, por isso mesmo, para o sr. Theophilo Braga, (o ultimo abencerragem da metaphisica, aboletado por alguma Sphinge) deleitosissimos e uberrimos novellos da mais deleitosa e fertil philosophia, como se não faria melhor em toda a Allemanha!...

No entanto, ao passo que as poesias que brotaram do coração do poeta, isto é, as espontaneas, as legitimas filhas da sua inspiração e do seu genio, atravessaram, algumas por um espaço de mais de tres decadas, toda a obra de João de Deus, sem a mais ligeira, sem a mais leve alteração, aquellas de que o paladar do sr. Theophilo Braga mais gosta, as *philosophicas*, essas, pelo contrario, fartaram-se de ser corrigidas e tornadas a corrigir, e passaram, louvado seja Deus, de mal para peor, atravez das varias lições...

Mas o facto comprehende-se, e reside n'elle, inclusivamente, o segredo d'aquelle grande genio:—as primeiras como que preexistiam, como que eram anteriores ao proprio poeta, o qual diriamos que não foi mais, em relação a ellas, do que um pretexto para se revelarem — *et Verbum caro factum est!* — e sahiram por isso inteiriças; as segundas, as philosophicas, essas parturejou-as elle humanamente e laboriosamente, como o sr. Theophilo par-

turejava as suas, no tempo em que fazia versos,—e sahiram portanto defeituosas... Quanto ás primeiras, pode dizer-se que João de Deus foi apenas o seu *primeiro leitor*, por uma graça que Deus só concede áquelles em que se digna habitar, e a mais ninguem; das outras, foi João de Deus o pae, o progenitor, o auctor, talqualmente o sr. Theophilo Braga, auctor, progenitor, pae, e padrinho ainda por cima, da sua *Epopeia da Humanidade!* As primeiras não procedem de escola alguma, e só teem laivos d'aquella força infinita que atirou para o espaço o Universo, e que é a mesma, precisamente, que deu o aroma á violeta e movimentos ao infusorio; as segundas, ao invés, se não procedem da *Biblia da Humanidade*, de Michelet, e da *Lenda dos Seculos*, de Victor Hugo, como a flora poetica do sr. Theophilo, mais a sua fauna respectiva, procedem, todavia, de um estado que se não era artificial ou influenciado, era, porém, anormal considerado pathologicamente, e gerador, portanto, de fructos somenos... As primeiras são de um grande poeta, de que esse proprio homem chamado João de Deus parece apenas um symbolo humano imperfeitissimo, e uma reducção quasi caricatural, em que mal se crê quando o temos deante; as segundas, essas até podem ser do sr. Theophilo Braga, ou mesmo nossas, ou de nós tres em partes iguaes... Aquellas, podem á vontade desafiar o tempo e o espaço, porque mesmo que desappareçam da forma escripta, e até da memoria dos homens, revertem ao infinito d'onde provieram, e podem, jorrando de novo d'ahi, diffundir-se pelos astros habitados, cirandadas por cerebros de poetas, porque ellas são, a bem dizer, formulas de um sentimento que não morre, pois o alenta o espirito de Deus, e o instincto do homem o suga como o leite mais fecundo da creação e o fructo mais apetecivel da vida — o Amor;—as outras, inversamente, dizem, quando muito, uma phase de saude ou de intellectualidade, e são, por isso, o commentario ephemero de um minuto de vida ephemera, e nada mais...

Ora n'um poeta como João de Deus, portuguez só porque nasceu em Portugal, mas humano, porque todos os povos e todas as raças se commoveriam com os accentos da sua poesia, se a poesia fosse, como é a musica, uma linguagem universal, n'um poeta como João de Deus, são essas as poesias que não interessam ao futuro, porque nem a elle lhe devem interessar;—e muito se en-

ga na o sr. Theophilo Braga, se imagina que o futuro precisa para alguma coisa d'este seu trabalho de coordenador — quer esse trabalho seja simplesmente uma compilação, quer um libello...

II

Uma das determinantes do trabalho do sr. Theophilo Braga foi ver que as variantes dos manuscriptos que obteve, em relação ás edições correntes «*aqui eram sempre mais frias e menos pittorescas* (p. VIII). E' a phrase.

Foi, pois, um dos seus fins, como diz — «*fixar as variantes mais bellas para um texto definitivo*» (p. IX).

Vejamos, porém, se o conseguiu.

Não nos poupámos a fadigas para tal constatação, e tenham os leitores paciencia de nos acompanhar n'esta peregrinação asperrima atravez do intonso matagal das emendas e alterações que nos offerece o volume do *Campo de Flores*.

Era-nos necessario cotejal-o, poesia por poesia, verso por verso, palavra por palavra, com as *Flores do Campo* e as *Folhas Soltas* Assim fizemos; e devemos confessar que o que nos valeu, para não desanimarmos enfastiados a meio d'uma tarefa, que aliás para o sr. Theophilo seria tão grata, foi a propria natureza de tal leitura, que, em muitas composições, embora mil vezes repetida, de cada vez proporciona um encanto novo e deixa a descoberto uma nova belleza.

O quadro seguinte é, pois, o resultado d'esse trabalho, e por elle ficam os leitores habilitados a apreciar o valor das emendas e correcções feitas.

VARIANTES (*)

Flores do Campo — Campo de Flores

Pag.	
5	Não ha flôr de côr mais linda;
295	Não ha flôr de côr tão linda;
6	Só o bom cheiro que exhala...
296	Só o bom cheiro exhala! (*a*)
7	Suppões que Deus te agradece
297	Cuidas que Deus te agradece
9	Amo-te. O mais ignoro.
146	Amo-te, e o mais ignoro;
12	Só por amor de nós tomar nos braços Os braços d'uma cruz?
224	Só por amor de nós pregar os braços N'os braços de uma cruz?
13	D'um só jacto de terra... oh desventura!
215	D'um só lanço de terra .. Oh desventura!
26	Rosas no inverno! permitti que o diga,
299	Rosas de inverno! permitti que o diga,
29	Inda hão de espinhos sobrar.
287	Que inda hão de espinhos sobrar!
36	Agora carcomida,
228	Agora emmurchecida!

(*) A primeira versão é das *Flores do Campo*, e a segunda do *Campo de Flores*, nas paginas á margem indicadas.

(*a*) Esta variante deu em resultado ficar de seis syllabas o verso que devia ter sete; além de soar peor ao ouvido. Um erro, portanto, de metrificação e de gosto.

52 E que o não deixam
28 E não o deixam

58 E parece-me ainda que mais bellas,
260 E não sei se te diga que mais bellas,

58 O bello tempo que passei com ellas,
260 Do bello tempo que passei com ellas

58 A patria d'aonde ando desterrado.
260 Essa patria de onde ando desterrado! (*b*)

68 A' roda como um fuso
Suspenso pelo fio;
281 A' roda como um fuso
Suspenso por um fio; (*c*)

70 Vejo... mas vejo o que?
282 Vejo... mas vejo que?

73 A' sua guarda consagrarám: Jupiter
382 A' sua guarda consagram: Jupiter, (*d*)

79 Que não tens de descanço um só momento;
271 Que tu não tens descanço um só momento; (*e*)

(*b*) Já que se emendou o verso, que não ficasse peor, e ainda mais mal soante do que estava! Pois não seria melhor, em vez de deixar, em meia duzia de palavras, duas grotescas cacophonias, uma das quaes dá, na leitura, nem mais nem menos do que isto —*dondandodes*— não seria melhor, se não se queria alterar radicalmente a phrase, emendar assim, por exemplo:

A patria d'onde eu ando desterrado?

(*c*) Emenda para peor, na essencia e na fórma.

(*d*) Lapso, queremos crer, de revisão, mas por culpa do qual lá vae passar á posteridade, *authentico* e *definitivo*, mais este verso cruelmente amputado n'uma syllaba.

(*e*) Tão mal ficou o verso antigo como o actual! *Descanço um só* é o que nunca a ouvidos humanos poderá soar capazmente. Porque não occorreria isto, se não lembrasse cousa mais acceitavel:

Que descanço não tens um só momento?

86 — Não me esquecia, de certo.
76 — Não me esquecia por certo.

94 As nuvens negras do sul.
102 As tempestades do sul !

95 Levanta os cachos do chão,
103 Levanta as rosas do chão !

98 O ponto estava derreter n'um beijo
O fio d'oiro que te manda aos ares.
139 O ponto estava em derreter n'um beijo
O fio de oiro que te prende aos ares.

99 N'esses dois cofres, n'esse collo aonde
139 N'esses dois cofres, n'esse collo, onde (*f*)

102 Mas seja lá o que fôr,
414 Mas seja lá como fôr,

106 D'aqui muito o allivio, ou não ?
53 D'aqui muito a causa, ou não ?

106 Sei o que vai em teu seio;
Sei-o
Porque em materia d'amor,
Debalde os labios se calam !
54 Sei o que vae em teu seio :
Cheio
De mal compensado amor,
Debalde os labios se calam; (*g*)

109 Que é de o fazer raivar)
353 Que é de os fazer raivar)

(*f*) Aqui seria boa a emenda, se o verso, depois de emendado, não tivesse ficado coxo e aleijado na leitura.

(*g*) O que se entendia bem e depressa na primeira versão, mal e a custo se percebe agora n'esta!

112	A ideia, esse Verbo creador
261	A palavra, esse Verbo creador
113	Que ouço roçar;
7	Indo a roçar,
115	Que és como a flôr !
9	Que és uma flôr !...
116	Que eu seja o unico a soffrer, chorar...
157	Que eu seja o unico a soffrer, penar !
121	Aljofares de prata
106	Esse collar de prata
121	Flôr tenra como o vime,
	Flôr pura como a neve !
106	Flor tenra como o vime
	E pura como a neve !
122	E deixa me repasse
107	Deixa que me repasse
123	Mal te ouça o dôce canto.
108	Ouvindo o doce canto.
124	Te disse adeus ! adeus !
108	Nos disse adeus ! adeus !
125	Entorna os ais d'uma harpa ?
110	Entorna os sons de uma harpa ?
136	...oh miseros humanos !
	Que solimão vos deram, loucos ! vêde :
535	...oh miseros humanos !
	Que solidão vos deram, loucos ! vêde : (*h*)

(*h*) A emenda deixa sem sentido o verso emendado. No *Diccionario Contemporaneo* o primitivo verso de João de Deus exemplificava o sentido de *solimão:* agora

142 Que fez tremer os carceres do inferno
543 Que fez tremer a abobada do inferno

148 E sem pegar n'uma pinça;
396 Sem lhe tocar com a pinça;

148 O que aquelle diabo faz.
396 O que aquelle demo faz!

148 E labia que o diabo tem!
397 E labia que o demo tem!

157 Quanto não ha de importar...
410 Quanto não vae importar...

159 E' gosto que lhes não faço.
411 E' gosto que eu lhes não faço.

165 E' n'este mundo mais um desgraçado.
217 E' só mais n'este mundo um desgraçado!

167 E tu és piedoso,
220 E Deus, tu és piedoso,

167 Não ouves um só ai!
220 Não ouves pois um ai!

167 Ao campo dás a flôr,
220 Ao campo deste a flôr

177 Poderem dar abraços
133 Me podem dar abraços

181 D'entre o vicio porém minha alma ardente
263 De entre o vicio porém minha alma crente

---

lá tem o nosso amigo dr. Santos Valente, quando fizer tambem a edição definitiva do seu bello lexicon, de supprimir o exemplo que o sr. Theophilo lhe tirou! Mais um dos muitos transtornos que o descaroavel coordenador tem causado ás letras patrias!

181 Oh! mas, Deus do amor! foi só fraqueza:
263 Oh mas, Deus do amor! foi só franqueza!

182 O que me fizeste
18 Tu que me fizeste

183 Pomba desmandada
18 Pomba debandada

183 Ao raiar da luz,
19 E ao raiar da luz!

184 E a campa o cypreste,
E a rola o seu par,
20 A campa o cypreste,
A rola o seu par,

186 O que te falta pois? Os teus desejos
101 A ti pois que te falta? Os teus desejos

190 Não sei que ha de divino, força é crêl-o
620 Ha não sei quê divino, força é crêl-o

190 Aquella paz que é meu constante anhelo
620 A eterna paz que é meu constante anhelo,

194 Então duas estrellas
173 E então duas estrellas

194 Não sabia e pergunto: o que buscaes,
Alampadas celestes!
174 Não sabia, e pergunto: Que buscaes,
Oh lampadas celestes!

194 Que nos tem affeição.—
174 Que nos tenha affeição.—

197 O anjo que a berço humilde e escasso
116 O anjo que no berço humilde e escasso

201 ... Assentada
622 ... Eu, sentada

201 A taça ainda cheia as mãos entornam,
622 A taça ainda cheia as mãos me entornam, (*i*)

201 E as mais quadras do anno havia agora
622 Nas mais quadras do anno havia agora

201 Quero acabar meu dia.
622 Quero acabar o dia!

202 As musas, cantos! e o amor... Segredo!
623 A musa, cantos! e o amor... segredo!

203 Mulher! quando nos braços
631 Mulher! quando em meus braços

203 Não vês em meus abraços
631 Não vês nos meus abraços

204 Que vozes se afigura
632 Que sonhos se afigura

207 Disse eu então: poeta, vês aquelles,
Abraçados, velozes como o vento?
615 Não vês, dois abraçados entre aquelles,
Que n'esses turbilhões impelle o vento?

207 — Chamando-os com enternecimento,
615 — Chamando-os tu com enternecimento (*j*

(*i*) A não ser para enriquecer o livro com mais uma cacophonia, não é facil atinar com o criterio que presidiu á emenda.

(*j*) Para continuar a ficar manco e frouxo, como era d'antes, não valia a pena emendar este verso.

207	Oh almas d'uma eterna anciedade,
615	Oh victimas de eterna anciedade,
208	Do ninho, vem no ar, d'aza espalmada,
615	Do seu ninho, descae de aza espalmada,
208	Rompendo aquella aragem empéstada,
616	Rompendo a athmosphera condensada
209	Amor, que em nenhum moço acha esquivança Prendeu este a um corpo... que roubado
616	Amor, que só nos máos acha esquivança Enlevou este em corpo, que roubado
209	Poz-me com elle tão condescendente
617	Me poz com elle tão condescendente, (*k*)
209	Disseram elles isto fielmente.
617	Foi isto o que me disse tristemente.
209	Scismando cabisbaixo, em tal postura,
617	Scismando cabisbaixo, de amargura,
209	Começo respondendo: oh desventura! Quanta esperança! quanta sympathia A ambos não cavou a sepultura!
617	Respondo-lhe dizendo: Oh desventura! Oh que sonhos de amor, de sympathia A ambos lhes cavou a sepultura!
209	E voltando-me a quem me referia:
617	Voltando aos dois a quem me referia:
210	«Que o diga o proprio guia que trouxeste.
618	«E assim o disse o guia que trouxeste.

(*k*) Para continuar a ficar manco e frouxo, como era d'antes, não valia a pena emendar tambem este verso.

210 «Nós sós, um dia, livres de maldade.
618 «Um dia sós, mas livres de maldade.

210 «Muita vez nossos olhos se espantaram,
618 «Muita vez nossos olhos se encontraram

211 «Beija-me a bocca a mim, todo tremendo!
618 «Beija-me então a bocca a mim tremendo!

211 Emquanto assim Francisca respondia,
Chorava Paulo, a ponto, d'aterrado
Me vêr nas convulsões da agonia,
E cahir, como um corpo inanimado!
619 Emquanto assim Francesca respondia,
Chorava Paulo a ponto, que aterrado
Senti as convulsões da agonia,
E cahi como um corpo inanimado!

212 A saudosa barca, que levasse
98 A barca saudosa que levasse

223 Porque e para que? O que se perde
244 Porquê e para quê? Pois que se perde

223 O que se ganha em ser tão bem pintada,
244 Pois que se ganha em ser tão bem pintada,

223 Mas de que lindas nuvens a reveste
245 Mas de que aéreas nuvens a reveste

225 O que vale o sol mais do que uma estrella?
247 Que valerá o sol mais que uma estrella?

227 Bemdito o que não cahe em se guiar
563 Feliz de quem não cáe em se guiar

229 Se hão-de metter, com medo, os desgraçados!
565 Se hão de ir metter com medo os desgraçados!

232	Como se um oleo nos fosse Escorrendo pela pelle
574	Como se um oleo nos fosse Deslizando pela pelle.
238	Não a acordeis, cuidado !
580	Não na accordeis, cuidado !
240	Ouviu-se a rola arrulhando,
582	Ouviu-se a rola rolando
241	Bons laços se lhe hão de armar,
583	Bons laços lhes heis de armar,
241	Se ninguem as apanhar.
583	Se ninguem nas apanhar.
247	De corcichas, que o seu pasto
589	De corcinhas, que o seu pasto
253	A capa onde ia embrulhada.
594	A capa em que ia embrulhada.
255	Eil-o ahi retratado,
597	Eil-o aqui retratado
259	Que linda mulher aquella !
601	Que bella mulher aquella !
261	Beber bebidas mais finas,
603	Beber as bebidas finas,
261	Na lindeza esse nariz.
603	Mais airoso o teu nariz.

VARIANTES (*)

Folhas Soltas — Campo de Flores

g.

1 Que vos disse, meus olhos tentadores?
Ah! Disse o que, se ha muito vos não digo,
E' porque nunca em vida achei abrigo,

150 Que vos direi, meus olhos tentadores!
Dir-vos-ei o que ha muito vos não digo,
Mas porque nunca em vida achei abrigo

10 Banhando-te as mãos e o rosto:
89 A banhar-te as mãos e o rosto...

11 E a dhaliasinha mimosa,
E o botãosinho de rosa
13 Aquella dhalia mimosa,
Aquelle botão de rosa

14 Este ou aquelle olhar me foi lançado!
166 Este ou aquelle olhar me era lançado!

17 O que é a terra? um ponto. Vasto, largo,
250 A terra que é? um ponto: vasto, largo,

21 De lhes atirar; porém,
191 A atirar lhes; porém,

26 Jámais da luz suave
51 A mim da luz suave

27 Dize-me, rosa, em que esperança
637 — Rosa, dize-me em que esperança

(*) A primeira versão é das *Folhas Soltas*, e a segunda do *Campo de Flores*, nas paginas á margem indicadas.

28 Todo o coração que ama,
Todo o espirito que adora.
638 Todo o coração que a ama,
Toda a alma que a adora!

34 Da minha saudade...
162 Da rouxa saudade

37 Por quem és!
Deixa-me vêr teus olhos um momento!
Era como se o sol, no firmamento,
Me raiasse outra vez!
325 Fita em mim os teus olhos um momento,
Verei raiar o sol no firmamento!

47 Se tornam a encontrar;
90 Se tornam a ajunctar;

50 Quem és? Um anjo! O que ignoro
321 Sei que és um anjo; o que ignoro

50 O que é um nome? nada! O que mais vale
321 Um nome não é nada! O que mais vale

57 Ao ver mais uma vez raiar a aurora
347 Ao ver mais uma vez romper a aurora.

60 N'um momento fórma um lago;
367 De repente forma um lago...

62 A Ti, *que estás lá no céo*,
356 A Ti, *que estás no céo*

64 E muito menos igual,
358 Mas tu que não tens egual,

67 O que fez durante o estio?
380 «Pois que fez durante o estio?

77 E em occasiões de eclipse,
551 E pelas occasiões de eclipse,

84 O que era ha pouco uma zorra
558 Pois que era ha pouco uma zorra

88 O que trazem? Desenganos
405 Que nos trazem? Desenganos

88 E depois, se se habitua,
406 Mas depois se se habitua,

92 Era um soberbo e optimo cocheiro.
416 Foi um soberbo e optimo cocheiro!

94 Elles, tiros de peça! Não admiro!
399 Elles, tiros de peça! Não me admiro;

94 E ainda menos que depois de mortos
399 E muito menos, que depois de mortos,

95 Monstros não gozam! Deus á prostituta
402 Monstros não geram: Deus á prostituta

97 Ir espichando canella!
435 Ir esticando canella!

106 Aos mais em alma e espirito profundo
400 Aos mais em tudo, espirito profundo

109 Onde o fizesse ir dar
43 Aonde o fez ir dar

110 Aquelle remoinho
43 Aquelle redemoinho

112 Não sei o que é...
45 Não sei o quê...

121 Colher tão linda
Perola ainda,
23 Colher ainda
Perola linda,

141 E' esta vida um mar; e n'este mar
319 Esta vida é um mar; e n'este mar

150 Eu, o orvalho!
38 E eu o orvalho:

150 Eu o que valho?
38 Eu nada valho!

152 Se ella se ausenta,
39 Quando se ausenta

152 Esses pezares!
40 Os meus pesares!

156 Descança n'essas aguas
Bem como n'estas maguas
Descança o teu olhar!
49 Repousa n'essas aguas,
Como nas minhas magoas
Repousa o teu olhar!

156 Parece todo o mundo
Só um immenso templo!
50 Parece-me este mundo
Todo um immenso templo!

163 Que tal? Por vós vendia um cavalleiro
646 Que tal? Por vós vendia um cavalheiro

164 Não é por cavalleiro ou consular
646 Não é por cavalheiro ou consular

168	E, a não se conversar, o que seria ?
649	E em não se conversando, que seria ? !
170	E' mais de amante que de cortezão ;
651	Isso é de amante, não de cortezão ;
175	Se eu fosse luz — um raio — agora aqui
655	Se eu fosse luz n'um raio agora aqui
177	O que ? Uns versos que não corrigi.
657	Sim... que ? Uns versos que não corrigi.
178	Mau. Não, dá cá ; então prefiro eu lêr-vos.
658	Máo. Não, dai cá ; então prefiro eu ler-vos.
191	E um amante de todas o que vale ?...
668	E um amante de todas, sim... que vale ?
197	Falsa !... Perdão ! Cá descompôr não vale.
673	Falsa !... Perdão ! Lá descompor não vale.

*
* *

Faltam ainda duas variantes das *Cryptinas* em relação ás *Folhas Soltas :* na poesia *Chamusco* — «E deitou-os no fogão» em vez de — «E lançou-os ao fogão» (a pag. 71 das *Folhas Soltas*); e na *D. de N.*, «No jornal que o tornou commendador» substituido por «No diario que o tornou commendador» (a pag. 99), emenda esta manifestamente tendente a ferir, por satisfação a qualquer pequena má vontade, com uma indicação mais clara, por melhor explicativa d'uma das iniciaes do titulo, a folha a que se dirigiu esta satyra, de que temos a certeza ser João de Deus hoje o primeiro a desgostar-se. Como provavelmente se desgosta

de outras semelhantes composições contra mortos e vivos, com as quaes o sr. Theophilo açodadamente guisou um acepipe para a sua bilis.

*
* *

Além de todas as variantes indicadas, e que na maior parte são, ou prejudiciaes ou indifferentes para a obra, como os leitores poderão ver, houve a omissão de uma quadra a pag. 18, e varias addições nas poesias agora reeditadas.

Eis as que notámos:

Com relação ás *Flores do Campo*: no *Emblema*, a pag. 313 e 314; *Rachel*, a pag. 225; *Botões de Rosa*, a pag. 300; *A Hermann*, a pag. 240; *Amores, Amores*, a pag. 32; *Deixa*, a pag. 93; *No leito nupcial*, a pag. 143; *Heresta*, a pag. 110; *A Lata*, a pag. 521; *A vida*, a pag. 214, 216 e 219; *A uma gata*, a pag. 251; *Adeus*, a pag. 120; *N'um convento*, a pag. 128.

E com relação ás *Folhas Soltas*: nas *Lôas*, a pag. 359 e 367; e no *Lamento*, a pag. 237.

Ora da inconveniencia de grande parte das addições dizem eloquentemente estas tres amostras: a pag. 32:

> Eu sou muito amada,
> E ha muito que sei
> Que Deus não fez nada
> Sem ser para quê.

a pag. 313:

> Virgem de eburneo humero,
> Cada luz d'essas conta
> Acima outras sem conta
> D'esses clarões sem numero,

a pag. 314:

> Animo, virgem, animo,
> A vista entranha n'elle!
> —Não posso; o olhar repelle,
> Repelle o peito exanimo.

versos em que a incorrecção ou a pobreza de rimas acompanham a falta de sentido e de gosto.

Teria sido por conseguinte mais util, repetimos, que o sr. Theophilo Braga, em vez de perder o seu tempo a emendar ou a fazer emendar sem vantagem, o texto das *Flores do Campo* e das *Folhas Soltas*, o empregasse a fazer mondar estes dois livros e a restante parte agora de novo incluida no *Campo de Flores*, de erros palmares de syntaxe, como os seguintes: *uma perpetua e uma saudade ser-me-ia doce*, p. 160; *haste e raiz apodreceu com ella*, p. 140; *e noite e dia e céo e terra e mar o denuncia*, p. 245; *tal é a confiança que te inspira estes reis, estes povos, esta gente*, p. 261; *vês como fumo e flôr aspira, anceia*, p. 262; *por que uma e outra aspira continuamente ao céo, porque uma e outra é pura, perpetua e immortal*, p. 353; *sedas e joias prestes enfastia, chocame os nervos estes anneis*, p. 650; — de incorrecções de rima, como por exemplo: *espero* e *desterro*, p. 230; *confesso* e *immenso*, p. 232; *tu* e *possuo*, p. 52, 131, 627; *sou* e *vôo*, p. 629; *outro* e *encontro*, p. 280; *sei* e *quê*, p. 32; *provem* e *louvem* p. 139; *gera* e *inteira*, p. 140; *calix* e *valles*, p. 56; *entrega, prega* e *alegra* p. 532-3; *estio, assobio*, e *despiu*, p. 535; *sêde* e *heide*, p. 535; *nasce pasce* e *esvaise*, p. 536; *melindrosa* e *cousa*, p. 396; *chóro* e *oiro*, p. 217; *leite* e *banquete*, p. 592; *primavera* e *cheira*, p. 606; *pallidas* e *madidas*, p. 313; *exalta-se* e *dilata-se* p. 315; *pequenos* e *reinos*, p. 300; *trovas, novas* e *louvas*, p. 524-5; *tudo* e *mundo*, p. 525; *claro, avaro* e *ara*, p. 528-9; *violeta propheta* e *deita*, p. 540; *porque* e *expirei*, p. 166-7; *desencontro* e *outro*, p. 325; *crê* e *sei*, p. 35; *voou* e *vôo*, p. 20; *tu* e *concluo*, p. 6; *frondosa* e *lousa*, p. 182; *abracei* e *crê*, p. 674; *que* e *sei*, p. 675; *sei* e *vê*, p. 82; *globo* e *roubo*, p. 253; *restituo* e *tu*, p. 255; *conchego* e *meigo*, p. 257; *cega* e *meiga*, p. 305; *frio* e *caiu*, p. 340; *sou* e *condôo*, p. 373; *falta* e *faca* p. 488; *Clio* e *viu*, 493; *falacia* e *philaucia*, p. 499; *bruços* e *discursos*, p. 504; *falsete* e *azeite*, p. 505;—de desleixos e erros de versificação e de metro, taes como estes:

Pode exceder em amar (p 72)
Cada um d'elles não é um parnaso? (p. 528)
Ata ao raio do sol o fio da aranha (p. 543)
Chamando-os tu com enternecimento (p. 615)

Que em bichos ferve de corações mortos (p. 526)
Ou se é a escuridão vossa que eu hei de (p. 535)
Conchegando-me ao seu candido rosto (p. 213)
A ti que estás no céo (p. 356)
E pelas occasiões de eclipse (p. 551)
Fica-lhes só a imaginação (p. 665)
Passando a barca d'esse aereo Acheronte! (p. 259)
Os Lusiadas estão como na hora (p. 330)
Volva a teu seio, Senhor! (p. 349)
Mas não sabe nem saberá (p. 494)
Emquanto o vento se não alevanta (p. 613)

de extravagancias, emfim, e de teratologias d'este jaez:

Que lhe toque incauto dedo (p. 253)
Se o faz, fal-o, porque o sangue (p. 254)
Eu oiço a Deus cantar se oiço o seu canto (p. 347)
Foi quando em summa o terno amante apanha (p. 618)
Acodem lá do bando onde anda Dido (p. 616)

que põem alguns dos versos do grande poeta, pelo grotesco e arrevesado, em risco de servirem para jogos malabares de pronuncia, adaptaveis a linguas emperradas.

E tudo o que fica apontado, junto a numerosos descuidos de revisão, tanto na pontuação como na ortographia, tira ao *Campo de Flores* o caracter d'uma obra, já não dizemos monumental, como pretenderia ser, mas ao menos cuidadosa e séria.

*
* *

Em resumo:

Uma das bases, que o sr. Theophilo diz ter feito acceitar a João de Deus, foi o colligir toda *a concepção poetica por uma forma integral, mesmo quando dormitat Homerus* (IX). E' ainda a phrase textual.

João de Deus *acceitou*, é claro, esta base, *acceitando* o respectivo argumento com que lh'a condimentaram, como acceitaria qualquer outra, porque o glorioso poeta é hoje, e será ámanhã, o que era hontem: um condescendente por temperamento, um benevolo por indole.

Teve, pois, em presença das instigações do sr. Theophilo Braga a habitual *indifferença culposa pela sua obra*, de que aquelle escriptor com tanta verdade o accusa, e... deixou correr!

Coadunar-se-hia, coincidiria, porém, o conselho do sr. Theophilo com a vontade e a intuição sempre genial do artista ?

Não, evidentemente não ! João de Deus—dil-o o sr. Theophilo Braga—hesitava apenas, ao pensar na coordenação dos seus trabalhos poeticos, entre o *ponto de vista moral* e a *selecção das peças mais bellas* (IX).

A collecção por *uma forma integral*, sejamos justos, é da iniciativa e da inspiração do sr. Theophilo Braga. Se n'isto ha alguma gloria, pode este reividincal-a, e por completo chamal-a a s.i

E aqui seria talvez opportuno perguntar qual é mais legitimo e mais *authentico*—vá o termo ainda d'esta vez:—se o João de Deus que o sr. Theophilo quiz *integrar* com o *Campo de Flores*, á custa de producções que o proprio auctor regeitaria, se lhe deixassem liberdade plena de acção, o João de Deus desageitado e contrafeito do *Emblema*, do *Thuribulo suspenso* e dos *Epitaphios* a pedido,—ou o da *Adoração* e dos *Psalmos*, o grande, o genuino, o immortal João de Deus do nosso culto mais enthusiastico, da nossa admiração mais fervorosa ?

Mas se o sr. Theophilo—teimando em considerar João de Deus como uma *synthese surprehendente* e não apenas como um surprehendente poeta—pretendeu, para dar a comprehensão de tal synthese, aproveitar até o *traço mais casual* e *descuidado*, com que fim se entregou, emendando e alterando e acrescentando, ao ingrato mester de apagar, n'esta nova edição, tantos d'esses *traços descuidados e casuaes*, na maioria dos casos sem provei to nem honra para o poeta ou para a sua obra ?

É o que não sabemos explicar.

*
* *

O que de tudo, pois, que levamos dito resulta como conclusão, mais uma vez o dizemos, é que o *Campo de Flores* está muito, longe de ser a edição *definitiva e authentica* do trabalho poetico de João de Deus.

Essa definitiva edição deverá sujeitar-se a um criterio mais fino e mais elevado do que esse que dirige o trapeiro na faina do seu rebusco.

A essa definitiva edição, que deverá ser tambem uma edição, a todos os respeitos, *monumental*, é necessario que presida o grande poeta, por si só, sem instigações nem tutelas extranhas; e visto ser quando nos fala com o coração, e não com o raciocinio, que elle attinge o acume da sua perfeição e da sua gloria, que seja no seu coração, mais do que na sua intelligencia, que se procure o seguro criterio para semelhante coordenação.

O sr. Theophilo Braga, «*fazendo que elle pozesse a ultima mão na sua obra*», como diz a pag. XIV, e sahindo-se do emprehendimento pela lastimavel forma que se viu, procedeu como um mestre de escripta com o discipulo que principia: — é a mão d'este que segura a penna, mas é a mão do mestre que a dirige e guia na incerta execução dos traços.

Ora isto, esta inversão de papeis que se nota no *Campo de Flores*, e a cujo inefavel goso o sr. Theophilo Braga se entregou com desvanecimento, é que não podia nem devia consentil-a João de Deus.

O *Campo de Flores* é um grande, um magnifico diamante em bruto: que João de Deus, ou alguem de intuições mais felizes do que as do sr. Theophilo Braga, o lapide com amor, cortando-lhe as arestas inuteis que o deformam e que nunca terão valor nem estima no mercado, porque lhe encobrem, em vez de lh'a realçarem a rara polychromia; e á resultante d'esse trabalho — trabalho não de esquadrinhador mas de artista, não de toupeira mas de aguia

— chamaremos nós então, sem repugnancia e com propriedade, a edição *authentica* da obra d'arte do genial poeta.

Antes d'isso — creia-nos o sr. Theophilo Braga, contra quem aliás nos não instiga a minima animosidade, e por cujas faculdades de investigação e de estudo temos o mais sincero apreço,— antes d'isso, repetimos, nenhum trabalho como o seu, de juncção a trouxe-mouxe, de laborioso e paciente apanha-migalhas, em que todavia são tantas e tão bastas as incorrecções de minucia, as deturpações de gosto, os erros e descuidos de revisão e de apuro, nenhum trabalho assim, atabalhoado e de fancaria, poderá merecer os dois pretenciosos qualificativos com que ostentosamente baptisou a sua malfadada edição.

Nunca! Nunca!

APOCRIPHAS (*)

THEATRO DE LISBOA

Os versos não me dão bastantes meios
De me gozar das distracções que ha:
Por isso annuncios de theatro, leio-os,
Mas leio apenas, porque não vou lá.

Porém succede ás vezes que um amigo,
Que tem namoro, ou que o deseja ter,
Não vai, diz elle, se não fôr commigo
E eu vou com elle... para o entreter.

N'um d'esses casos raros... porque em summa
O meu forte não é o lupanar,
Fui com um d'elles assistir a uma
D'essas peças que ahi costumam dar.

(*) *Apocriphas*, vá a palavra, para condescendermos com o sr. Theophilo Braga, que assim as considera, pelo augmento deduzido de pag. VIII, linhas 9 e 10, das *Observações prévias*. Podemos, porém, garantir que são originaes de João de Deus — *porque o proprio poeta nol-o affirmou recentemente*. A poesia *Theatro de Lisboa*, essa até foi escolhida por Camillo para acompanhar no *Cancioneiro Alegre* o retrato litterario de João de Deus. Se Camillo se enganava!..

Se o Barba Azul, não sei; era notavel,
Mas não me lembra; lembra-me que ao pé
Ficava uma familia respeitavel:
— Mãe, duas filhas, pae ou quer que é.

Ellas, as tres, a qual mais elegante;
Com tanta coisa, que eu não sou capaz
De deslindar aquillo, só por diante;
E fóra o que levavam por detraz.

Elle, calvo, figura magestosa,
Ar de capitalista portuguez,
Com seus botões de pedra côr de rosa
Em punhos postos a primeira vez.

Contemplava eu o quadro, arrependido
De me não ter achado com valor
De conquistar as honras de marido
E a gloria de ser pae, ou de o suppor,

Quando vem uma das comediantes
E por esta engraçada exclamação:
«Se vossê é seu pae, já muito antes
Ella era minha filha... Saiba então!»

Elle começa a rir assim de esguelha
Para a mulher que estava muito sonsa;
A mãe desata a rir para a mais velha
Que desatou a rir para a mais moça:

E eu... para todas tres; por achar graça
Não só no dito, mas ainda mais
No chiste, na pilheria, na chalaça
D'aquellas filhas e d'aquelles paes!

A MONARCHIA

Andam a dizer mal da monarchia,
Mas sem razão, fallemos a verdade;
Porque aos bons ninguem dá mais garantia
Nem pune os maus com mais severidade.

Nunca paixões de certa qualidade
Prevaleceram contra o que cumpria,
Nem consta que inspirasse a iniquidade
Despacho, lei, decreto ou portaria.

Ha setecentos annos simplesmente
Que este systema nos governa, e vêde,
Commercio, industria, tudo florescente.

Os caminhos de ferro é uma rêde!
E quanto a instrucção, toda esta gente
Faz riscos de carvão n'uma parede.

DISPERSAS (*)

CASUISTICA

Um padre de largo peito
Exclamava em voz profunda:
Sim, carissimos irmãos!
Deixae lá queixumes vãos:
Quanto Deus faz é bem feito!
Vae-se d'ali um corcunda:
— Salvo o devido respeito,
Já nem marreca é defeito!...
Sou eu são e escorreito?!
Elle, ao vel-o, com effeito,
Sem poder olhar direito,
De pescoço contrafeito,
Hombros largos, peito estreito,
Roçando os pés com as mãos:
— E que duvida, christãos!
Que é um corcunda... *perfeito?!*

(*) Não são todas, decerto. Ha com certeza muitas outras, porque João de Deus tem sido toda a sua vida um *mãos-rotas*, malbaratando como um filho prodigo as joias da sua Musa. Só a riqueza que elle dispendeu em cravos de S. João, e em rebuçados! Mas emfim, aquellas apurámol-as nós quasi de improviso — para estas paginas quasi improvisadas...

NO ALBUM

de D. Guiomar Torrezão

Tinheis-me já inspirado
Tão profunda sympathia,
Que se me fosse a mim dado
Dizer-vos o que sentia,
Vos tinha já declarado
Que vos amava, Guiomar!
(Mesmo antes de vos fallar...)

Veem-me ás vezes dizer
Talvez por peça d'entrudo,
Que o abbade de Arcozello,
Depois de um profundo estudo,
Fez um methodo modelo.
A mim não me custa a crer:
Eu acho o capaz de tudo.

— O' mamã, salvas tão cedo!!
Quem é que estão a salvar?
— Morreu o papa, é com medo
De que elle torne a voltar.

A UM LENTE

— Diz que é fraco e que só ora
Como outr'ora, meia hora?
— Hom'essa! essa agora!
Elle não diz que só ora
Meia hora.
O que elle diz é que ora,
Como outr'ora, meia hora,
Depois chama, depois ora
Meia hora, e faz uma hora!

CENSURA

(AO LIVRO INUTILISADO DE EUGENIO DE CASTRO, *Novas Poesias*)

Tem phantasia, coração sensivel
E, apezar de baixinho, ergue-se ao nivel
De mais d'um escriptor, que em verso e rima
Ahi cultiva a lingua com primor.

Como qualificador,
(Por commissão e favor)
Amigo e admirador
Voto que a obra se imprima.
Taxal-a... taxe o leitor.

NO LYCEU DO MARANHÃO

DIRECTOR:

Não ha tão perto,
Não ha em toda a nação,
Que eu saiba, pae tão feliz:
Luiz é um talentão.
E' um rapaz esperto;
E a honra e gloria dos paes
E' a de ter filhos taes!
Elle na phonologia
Conta com exame certo;
E quanto á morphologia,
Sintaxe e calligraphia
Ganha a todos no collegio!
No desenho, este tareco
Promette um artista egregio!
Oh Luiz, faça um boneco
A ver o que o papá diz.

LUIZ, *pegando no giz;*
DIRECTOR, *dando alguns passos*
buscando o ponto de vista;

O que elle faz em dois traços!...
Que me diz, senhor Baptista?!

O PAE, *estendendo os braços*
E abraçando-se ao petiz:

Com cinco annos escassos!...
Sim senhor, senhor Luiz!...
Ora, em verdade, não ha!...
Mas, filho, que é do nariz?...

— Ah! é verdade, papá!

— Vaes tão depressa, Jayme ?
E' coisa de cuidado ?
— Deixa-me, estou damnado...
A tua mulher trae-me !...

— Mais me enleva esse teu graciosissimo andar,
Que uma nuvem no ceo, que uma onda no mar !
E em que estrella do ceo me ha de nunca raiar
A benefica luz d'esse candido olhar ! ?
Oh ! se a morte uma vez essa luz me apagar,
Noite eterna, sem fim ha-de a alma innublar !

— Ora sr. Anastacio ! Tantas vezes que lhe tenho dito, que eu não aprendi francez ! Eu, se o senhor quer casar comigo, porque me não pede á minha mãe ? (*)

GARGAREJO

— Ha mais d'um anno assim, mirando a prumo
O ente idolatrado, em que resumo
As minhas mais ardentes ambições !

— Por isso... quanto soffro e me consumo !
Ah, mas escuta, Hypolito ! Presumo...
Que vão trocar-se as nossas posições !

(*) Com effeito ! Uma resposta d'estas... so em prosa ! Mas o que é notavel é que são aquelles versos do Anastacio os unicos *alexandrinos* que conhecemos de João de Deus. E foram feitos, é bom notar-se, para um numero carnavalesco do jornal de caricaturas, *Comedia portugueza*...

9,342

Desde pela manhã até depois,
Já depois do sol-posto, este carneiro,
A berrar dez mil vezes, trinta mil :
Nove, tresentos e quarenta e dois !...
Maldicto cautelleiro !

Oh policia... incivil,
E vós outros tambem, quem quer que sois,
A quem toca a policia da cidade !
Fallo-vos a verdade :
Declaro-vos que um dia...
A' falta de revolver, vae tinteiro !

Lancem-me embora imposto de dinheiro :
Imposto de massada é tyrannia !

Um valente militar
Ficou tão abarrotado
N'um opiparo jantar
A que fôra convidado,
Que o que fazia era impar,
E estava dando cuidado.

Diz-lhe afflicta uma das manas :
Metta dois dedos na bocca,
Provoque as ancias a ver !
— Dois dedos na bocca... louca ?!
Se eu os podesse metter,
Mettia duas bananas.

VISÃO

E', oh Deus, da gloria o emblema
Vão problema,
Que a minh'alma solver quer...
Ou é Deus a imagem tua,
Que fluctua
N'um phantasma de mulher ?

Se em mim sinto d'ella a imagem
Qual n'aragem
Sinto o halito da flor,
Foge d'alma o especto airoso,
Pressuroso,
Qual furtivo olhar de amor.

Se ao cair rapida estrella
Julgo vel-a
Vir fugindo ao céo e a Deus,
Mal lhe estendo avidos braços
De seus passos...
Nem vestigio aos olhos meus ;

Se me alveja no horisonte,
Se da fonte
No murmurio lhe ouço a voz,
Corro a vel-a, attento escuto ;
Mas, ao lucto
Meu prazer cedeu veloz ;

Quando raro ha quem se affoite,
Mas de noite
Solitario a andar como eu,
N'essa voz multipla e vaga
Que divaga,
Ouço-a... attendo... emmudeceu !

E a rola triste rolando,
Suspirando,
Rolando que mette dó,
Metteu o bico no peito,
Com tal geito,
Como quem diz — vivo só!

1858.

RESPOSTA

Á MINHA BELLA INCOGNITA INIMIGA (*)

Eu, mysterios se os profano
Não são nunca de mulher:
Vivi sempre n'este engano...
Morrerei, se Deus quizer.

Aquella *noite de amores*,
Aquelles *languidos ais*,
Aquelle *leito de flores*...
Foi um sonho e nada mais.

Foi um sonho, e sonho aerio
Como os sonhos sempre são:
Nem podia ser mysterio
Dos mysterios... da paixão.

(*) Esta *resposta* é dirigida a uma senhora que reprehendera em verso João de Deus, (e portanto o mais gentilmente que é possivel) por causa da sua formosa composição *Noite de amores*, que vem no *Campo de Flores*, a pag. 13.

Se pensei n'um doce instante
Que ao luar, candida flor
D'um perfume inebriante
Perfumava o meu amor...

Se pensei que um vão desejo
Com que á luz desabrochei,
Me expirava em fim n'um beijo...
Foi um sonho que sonhei.

Foi um sonho! E se eu morresse
Quando á luz do mundo vim;
Se eu uns olhos só tivesse
Que me dessem luz a mim;

Não dormia e já velava
Como outro tempo velei,
No bom tempo que eu gosava
O que ainda nem sonhei!

Não faz mal que o pensamento
De quem Deus fadou tão mal
Fuja, em sonho n'um momento
D'esta vida desleal!

Que o que a sorte desditosa
Soprou como sombra vã,
Colha em sombras uma rosa
Nos seus sonhos da manhã!

Que te custa que deixasse
Uma infeliz: — Fui feliz?
Que fiz eu que te offendesse,
Que mal foi o que te fiz?

Quando a mão d'um innocente
Quer a estrella que o seduz,
Ninguem ha, tão inclemente,
Que no céo lhe apague a luz.

Ah! mulher! custa isso pouco!...
Se não faz mal a ninguem,
Deixa lá que um pobre louco
Sonhe... sonhos que não tem!

Maio, 1859.

HYMNO ACADEMICO

Sejam céo, terra e mar, valle e serra
Tudo aroma, verdura, harmonia;
Mas apague-se o sol que alumia
Reinará só horror sobre a terra.

CÔRO

Viva a luz! Deus é luz, luz é vida!
Noite é morte e a sciencia é a luz!
Aprendei, gerações! inda erguida
Lá se ouve no Golgotha a cruz!

CÔRO

E a sciencia é a luz que irradia;
Mal acesa enche a casa a candeia:
Toda a syllaba entranha uma ideia,
Toda a ideia noss'alma alumia.

CÔRO

E a sciencia os mysterios não cala;
Não fallar cumpre aos mortos sómente,
Cumpre ao vivo exprimir o que sente,
Bosque e fonte, ave e mar, tudo falla.

Evora, 1861.

---

11 DE JUNHO

Faz hoje um anno que falleceu o primoroso poeta Gonçalves Crespo.
Correio da Noite.

Triste noticia, tristemente lida!
Faz hoje um anno, falleceu aquelle,
Que me cantou a mim... Choro-o a elle!
E' de cantos e lagrimas a vida! (*)

QUE NÃO... QUE SIM

— Elisa, se eu fôra rico,
Tão rico,
Que por essa linda mão,
Tão linda,
Te désse riqueza infinda,
Que me dirias então?
— Que não.

(*) Allude o poeta ao soneto *João de Deus*, que vem nos *Nocturnos*, a pag. 92 da 3.ª ed.

— E se fosse um grande, um nobre,
Tão nobre,
Que por essa linda mão,
Tão linda,
Te désse nobreza infinda,
Que me dirias então?
— Que não.

— E se em vez de lyra, espada
Fallada,
Eu trouxesse, e por tua mão,
Tão linda,
Te désse uma gloria infinda,
Que me dirias então?
— Que não.

— Se rico, nobre e soldado,
C'roado
Fosse rei e por tua mão,
Tão linda,
Désse a c'rôa e terra infinda,
Que me dirias então?
— Que não.

— Ai! qu'esp'rança!... Sendo eu pobre,
Tão pobre,
Só rico d'alma!... se emfim,
Tão linda
Mão pedisse — inveja infinda! —
Que me dirias a mim?
— Que sim.

MÃE DOS ORPHÃOS

Minha mãe foi para o céo,
E o pae que Deus me deu...
Foi-se com ella tambem!
Fiquei no mundo sósinha,
Sem a sombra d'um carinho...
Sem o santo amor de mãe!

Sem o conchego d'um lar,
Sem ter onde me abrigar...
Chorando a minha orphandade!
Condoido d'esta dor,
Deu-me Deus abrigo, amor...
E outra mãe... a Caridade!

A UNS CABELLOS

Tenho no coração
Um sanctuario d'ouro,
Tributo d'adoração
A um cabello louro.

Louro ou castanho..., aquelle
Que em tempo me prendeu.
E de quem era elle?
Bem sabes que era o teu.

E vel-o hoje ainda
Mais bello... que surpreza!
Aï, minha linda ingleza!
Ai minha ingleza linda!

N'UMA EXPOSIÇÃO

DEANTE D'UM QUADRO DE SILVA PORTO

Por esta vaquinha só
D'olhos de tanta doçura
Dava os rebanhos de Job
Nos seus tempos de ventura.

E pelo mais do salão
Dava todo o edificio...
Dava até o quarteirão,
Mas com uma condição:
A de ficar o Melicio. (1)

AMOR DE POETA (2)

A Deus te leve o fumo
De um só ai,
Vai, luz! vai pois teu rumo,
Sóbe e vai!

Vai d'estas densas trevas,
D'esta cruz,
Levar-lhe... quanto levas,
Pobre luz!

---

(1) Melicio (Visconde de) fôra o organisador da exposição, a qual teve logar nas salas do *Commercio de Portugal*, jornal de que elle era e é proprietario.

(2) Esta poesia é talvez a primitiva fórma da que vem no *Campo de Flores*, pg. 55, sob o titulo *Thuribulo*... Confrontando-as, porém, vê-se que a versão que apresentâmos abrange mais tres estrophes. Além d'isso, a ordem das estrophes não é tambem a mesma nas duas versões. A que damos acima parece-nos mais exacta, além de ser mais extensa a nossa versão. Por isso a incluimos aqui.

Amor, que em mim não cabe,
Vai depôr
Em Deus... e Deus bem sabe,
Se é amor!...

De uma outra flôr se o calix
Mais libei,
Por esses quantos valles
Divaguei!

Se lampada tão linda
Vi jámais,
Que me esquecesse ainda
D'olhos taes!

Dos olhos meus se um pranto
Só brotou,
Que o fogo d'esse encanto
Não gerou!

Se um nome em igneo traço
Li no ceu,
Nas ondas e no espaço
Mais que o seu!

Se n'alma — Deus que fosse! —
Pôde a sós
Vibrar-me voz mais doce
Que essa voz!

Deus sabe se eu dos montes
Vi tambem
Nos vastos horisontes
Mais alguem.

Se eu vi nos mais risonhos
Sonhos meus
Alguem mais nos meus sonhos,
Que ella e Deus!

Thuribulo suspenso
Inda fluctuo
Emquanto a alma em incenso
Restituo;

Mas breve — ao chão meu lôdo!
E a ti, Senhor,
Minha alma; e a ella... ah! todo
O meu amôr.

AMELIA

Ouve, Amelia, se a ventura
Pouco dura,
Tambem dura pouco o mal;
D'esta vida o passo leve
Corre breve,
Corre breve e corre egual.

Assim, pois, quando em meus sonhos
Mais risonhos,
Sinto ás vezes gosos mil,
Não me importa da verdade
Que a fealdade
Rasgue o quadro meu gentil.

Rasgue embora, e embora a vida
Vôe despida
De prazer, de crença e amor,
Tem tão curto a vida o termo,
Que n'este ermo
Não distingo o espinho e a flor.

Não distingo; mas se ainda
Visão linda
Ha que em sonhos possa ter;
Se uma cousa ha que eu deseje,
Que eu inveje,
Ouve, Amelia, vou dizer:

Era em gruta bem selvagem,
Doce imagem
Ver em ti da que eu amei;
Ter comtigo a mesma sorte,
Vida, morte,
Ter, Amelia, o que eu não sei...

ANDALUZIA

A tua consternação
A tua angustia mortal
Mostra-nos uma verdade:
Que o mundo está em formação,
Mas quanto á ordem physica; a moral,
Essa levou a ultima demão
Quando Christo nos trouxe a Caridade
N'esta palavra — Irmão.

31-8-85.

JUIZO CRITICO

Reclamo a restricção da liberdade
Se assim abusa a imprensa mais um dia!
Que tal, hein? passa a mais, passa a mania!
Nem uma asneira em prosa n'esta idade!

Vêr até galopins pela cidade
Bradando em verso heroico — vacca fria!...
Vêr-se invadir o templo da Poesia
Sem nem do Enxota-cães a auctoridade!

Eu proponho ao senado luzitano
(Mas litt'rario, que ao outro, por essencia,
Sospetto é toto 'l pensamento sanno.)

Proponho venha tudo a uma audiencia,
E quantos rimam *seixo* com *oceano*,
Forca sem réplica!
E requeiro a urgencia.

A BULHÃO PATO

A sr.ª Condessa de Sarmento,
Que é por certo do teu conhecimento,
Mandou a meu irmão, que é secretario
Do nosso patriarcha,
Um garrafão de vinho: é ordinario...
Não é vinho de marca...
Do Porto ou da Madeira; com franqueza.
Mas tomara-o eu sempre assim de mesa.
Restam-me seis garrafas com bem magua.
Se o achares fortinho deita-lhe agua.

P. S.

Quaes seis garrafas, Pato! Estou phrenetico!
Sabes quanto apurei? Garrafa e meia...
Não vale a pena. Saboreia... a ideia!
Que ainda é mais poetico.

3-3-85.

D. FUAS

Afere o que o tal D. Fuas
Te disse, de olhos em braza,
Das immensas perdas suas
E minhas grandes ganancias,
Pelas nossas circumstancias:
Eu ando descalço em casa,
E elle anda de trem nas ruas!

AO MESMO

Fica mal com quasi todos
Com quem tem contractos? — Sim!...
Costuma ficar assim,
Essa é a regra geral:
Todavia ha varios modos
De ficar mal com alguem:
Fica mal com quasi todos,
Mas elles não ficam mal...

RECEITA

— Pois, camarada, não bebe ?
— Não bebo, não tomo nada.
— Faça o que eu fiz, camarada,
Faça-se padre, percebe ?...

(Clara-boia na cabeça,
E' quanto vinho appareça.)

VOCAÇÃO

— Ah, visinho boticario,
Pois ordenou-se tambem ?
— Apeguei-me ao Breviario.
Pois se eu não tinha vintem !

(A vocação, d'ordinario,
Depende do numerario.)

ACEPHALO

Dizia um dia um Parocho instruido
E que em latim de Padre era um proverbio:
«Latim que eu soube já ! tudo hei perdido!
Nem já sei declinar um adverbio.»

A GRANJA

— «Lá discutir a reforma
Tudo sim, mas isso não.» —
E acha-lhe n'isso razão
Quem pensa da mesma fórma.

N'isto se mostra o Braamcamp
Ainda um bom general:
Quando a derrota é fatal
Deixa o campo e que outro campe.

Com esta manobra brava
Dirá sempre o seu parti-
Do: Eu cá não sei, eu não vi;
A Carta está como estava.

E qual lasciva menina
Que finge não namorar,
Fará de ventas no ar
Que não ouve patavina.

Bella estrategia! Que homens
Aquella Granja não·tem!!
Até olhando-se bem
Parecem uns lobishomens.

PADRE FREI FRANCISCO

Padre frei Francisco
Usa *tromblon!*
Dominus vobisco
Kyrie eleison!

Padre é pae... haja cuidado,
Não te esqueças nunca d'isso!
Uma basta pr'ó serviço,
Não te quero em duplicado...

Padre frei, etc...

Vê lá, moça descuidada,
Se te apanha, que te atiça,
Porque até, dizendo missa,
Não perde um padre pitada.

Padre frei, etc...

Moças, velhas, lindas, feias,
Cautella com taes gazuas...
Que elles não as têm suas,
Têm de se ir ás alheias.

Padre frei, etc...

Olho vivo, que em verdade
Póde achar-te a pinta boa,
E quem peccados perdôa
Póde peccar á vontade.

Padre frei, etc..

Nos taes *vigarios* do Eterno
Nada de fiar, que é historia!
Quem tem as chaves da gloria
Que medo terá do inferno?

Padre frei, etc...

Vê lá se lhe caes na pança,
E se um dia o santo padre
Me chama a mim seu compadre,
Sendo elle o pae da creança.

Padre frei, etc...

O REI DOS TRAQUES

TRAQUE, *s. m.* estouro, o que dá estouro...
Diccionario de Moraes.

Em Pungo-Andongo, a flor dos tyrannetes
(Um dos que melhor soube o seu officio)
Por honra do seu throno, e não por vicio,
Dispendia milhões em beberetes.

Comprava bancas, comodas, bufetes,
Trastes sem conta de um valor facticio;
E a pretalhada, grata ao desperdicio,
Dava-lhe o resto em bombas e em foguetes.

Era uma estourada todo o dia
Com gaudio de moleques e basbaques,
Que lhe não ganha a nossa artilharia...

Por isso, embora se chamasse Jacques,
Em memoria de tanta traquearia
Passou á historia pelo Rei dos Traques!

31 d'outubro de 1881.

AO FRONTAO

Quanto mais os olhos boto
Ao famoso monumento,
Mais me vem ao pensamento
Como me pagam o voto!
Sempre eu cáio em disparates...
Votar em tal vereação!
Isto de nabo e tomates
Só se é paga de hortelão!

SEXTA VARIAÇAO

SOBRE A TEIMA DO MAESTRO CIRNE (*)

Thalia estava uma vez
A saborear a facundia
Do autor do Entremez
De Manuel Mendes Enxundia.

(*) Este Cirne (Francisco Antonio do Amaral Cirne Junior) foi um pedagogo do Porto, que *compoz* um methodo de aprender a ler, e disse do de João de Deus cobras e lagartos. Caro lhe sahiu: João de Deus chegou-lhe, e de rijo, na imprensa, e bem

Chega Apollo com um rôlo
Atado com nastro preto;
Diz ella: — Traz-me algum bolo?
Diz elle: — Trago um folheto...

Ella agarra-se-lhe a elle,
E apenas abre, diz logo:
— Ah isto é cousa do aquelle... (?)
Do Cirne!... do pedagogo!...

Já tinha noticia d'isto:
Disse-me a mana viuva
Que ainda não tinha visto
Tanta parra e menos uva.

E' d'um comico, o demonio!
E anda-me fugido á scena...
E' uma pena, uma pena
Porque dava um Pedro Antonio!

---

assim aos demais censores, constituindo a collecção d'esses artigos de desforra um curioso livro, chamado *A Cartilha Maternal e a Critica*. Não chegou, porém, a ser posto á venda, esse livro, e nem sequer a ser concluido; pois emittida a 21.ª folha, ou sejam 336 paginas, o trabalho de typographia foi suspenso, e até hoje não continuou, mas vae proseguir brevemente.

As seis quadras acima acham-se publicadas a pag. 336 do referido livro, devendo a satyra proseguir nas seguintes. N'este entrementes, porém, Cirne morreu; e João de Deus, por esse motivo, inutilisou o resto do original, que abrangia mais vinte e quatro quadras.

Ao mesmo Cirne foram desfechados tambem os epigrammas que o leitor encontrará em seguida a esta *Sexta Variação:* o primeiro, sem titulo; e o outro, que se desdobra em dois, com o de *Glosas de um* irmão *anonymo*.

Incidentemente, diremos que se os versos lyricos de João de Deus não carecem, essencialmente, de ser commentados, porque as mulheres que o poeta cantou fundem-se todas, afinal, no typo abstracto A MULHER, o mesmo não acontece com muitas das suas composições epigrammaticas, inintelligiveis, a bem dizer, á falta de commentario. Alguem o fará. A obra satyrica de João de Deus, capital para a definição psycologica e litteraria do poeta, é muito importante, e merece bem ser explicada.

—Antonio Pedro ; o contrario
E' que a musa quer dizer.
— Deixe-me agora fazer
O que faz o salafrario ;

.....

Quando Cirne papagueia
Como papagaio que é,
Passa El-Rei que vae á caça,
Passa qualquer que passeia,
E diz-lhe com a mão cheia :
— O' Cirne, dá cá o pé !

GLOSAS D'UM «IRMÃO» ANONYMO

I

Frei Francisco, professor
De hygiene em seu collegio,
Sollicitou privilegio,
Ninguem mais é varredor :
Mas não contente co'isso...
Que apanha por essas ruas,
Distribue (lembranças suas!...)
De mez a mez um folheto ;
De modo que branco e preto
Que se abaixe... que se encolha...
Lança a mão, rasga uma folha...
.....
Lembranças de Frei Francisco!...

II

Frei Francisco em pequenino
Era um bonito rapaz!
E rapaz de tanto tino,
Que nunca ficava atraz...
E apezar da catarrheira
Lhe ter tirado o vigor,
Disputem-lhe a dianteira...
Elle nunca atrás se fica:
De tal sorte se despica...
Que leva sempre a melhor!...

PHILOLOGIA

Ha uma questão que dura,
Vai n'um anno com certeza:
Vem a ser — se *picadura*
E' palavra portugueza.
Diz o Leite, affirma, jura
Que é vernacula e antiga.
Como não basta que o diga,
Diz-lhe o Candido que próve.
Leite, parece-lhe espiga,
E que faz? faz que não ouve.
Assim pois, questão é ella
Que dura ha um anno ou mais.
Eu vou seguindo Moraes,
Preferindo *picadella.*

OLINTA (*)

Baldo ao naipe, o novato Lucio Olinta
Bem quer matricular-se, mas que monta?
Se aquella bola de cabeça tonta
Em estando ao jogo está na sua quinta!

«Raspe-me essas palhetas, vá, Jacintha!
(Diz elle á moça) veja se se aprompta
E empenha o que ahi ha. Lance-lhe a conta:
Metade do valor, e o juro a trinta.»

Jacintha leva a troixa a uma alma santa...
Expõe-lhe o caso... E como quem se espanta
Responde-lhe o agiota: «Enrole a manta,

Não me convem a menos de sessenta.
E' isto que lhe digo, e se se espanta,
Faça-lhe a conta bem: perco quarenta...»

(Coimbra.)

COCO

No reinado do Cabral
De saudosa memoria
Era, como diz a historia,
Cada dia um temporal.

(*) O soneto escusa de commentario. Esse Olinta era um novato, brazileiro, que foi companheiro de casa de João de Deus. O soneto diz o resto, e cheira a Coimbra a valer...

E fosse a massa revôlta
Gente de blusa ou de farda,
A toda e qualquer revolta
Se chamava então *bernarda.*

Era a dicção derivada
Do nome do proprio *objecto*... (1)
Com mais razão, do sujeito,
Se chama agora cócada.

De modo que o tal Cócó,
Sendo em *cócada* excellente
O é tambem igualmente
Na mesma, escripta com *ó!*

Cáia o Sampaio (2) em indicio
De que insiste em syndicancia,
Logo vê com que constancia
O Cócó lhe arma um comicio.

A librinha por cabeça
Do moribundo thesouro,
E' quanta corja appareça
Além da do Matadouro:

Mas o Sampaio é prudente;
Já prevenindo a mixordia,
Não dará causa á discordia
Do Cócó e a sua gente. (3)

(1) Antonio Bernardo da Costa Cabral, ministro de D. Maria II.

(2) Antonio Rodrigues Sampaio, ao tempo ministro do reino.

(3) Estes versos foram feitos por occasião dos comicios republicanos contra o governo progressista, em janeiro ou fevereiro de 1881. Cócó era o *pseudonimo* do mais importante vereador de Lisboa, Rosa Araujo, commerciante já fallecido.

EPIGRAMMA

(do hespanhol)

E' um medico excellente,
D'um olho phenomenal;
Pode-lhe escapar o mal
Mas não lhe escapa o doente (1)

ADEUS

Adeus, meu amor perfeito,
Adeus, thesoiro escondido
E de guardado perdido
No mais intimo do peito. (2)

---

(1) N'um dos ultimos numeros da *Nova Alvorada*, revista litteraria que se publica em Villa Nova de Famalicão, vinha, assignada com o nome de João de Deus, esta quadra:

VERSÃO DE UM EPIGRAMMA HISPANHOL

Era um medico excellente
De tacto phenomenal:
Se nunca matava o mal,
Matava sempre o doente.

Desconfiámos da quadra: não nos parecia de João de Deus, e perguntámos-lh'o...

—Huum! resmungou elle, emquanto picava o seu charuto.—Ora diga lá outra vez...

Repetimos a leitura...

— Nada; tambem a não reconheço. Isso não é meu. Eu, se traduzisse (continuou elle fazendo o cigarro), traduzia assim...

E na beira d'um jornal que tinhamos deante, escreveu a lapis, sem titubear, a quadra que vae acima.

E' a mesma. Sómente... não se parecem!

(2) Esta quadra faz parte da poesia *Adeus*, que vem a pag. 119 do *Campo de Flores*.

PROVERBIOS DE SALOMÃO

Vade ad formicam, o piger, et considera vias ejus et disce sapientiam.

Quæ cum non habeat ducem, nec præceptorem, nec principem,

Parat in æstate cibum sibi, et congregat in messe quod comedat.

VI. 6, 7, 8.

Vae, ocioso, á formiga
Que te diga
Como deves proceder:
Que a essa pergunta
Te ha-de ella dizer
(E attende, confia
Que é sabia de lei):
«Como quem no estio ajunta
O que de inverno ha mister,
Sem mestre, nem guia,
Nem chefe, nem rei.»

*

Alii dividunt propria et divitiores fiunt; alii rapiunt non sua, et semper in egestate sunt.

XI. 24.

Uns, dando, mais enriquecem,
Outros, roubando, empobrecem.

*

Fatuus statim indicat iram suam; qui autem dissimulat injuriam calidus est.

XII, 16.

O insensato dá-lhe logo a furia;
Quem é prudente dissimula a injuria. (1)

(1) E' uma variante recente, e que João de Deus prefere, do 4.º proverbio que se lê no *Campo de Flores*.

*

Etiam proximo suo pauper odiosus erit; amici vero divitum multi.

XIV. 20,

Ao rico mil amigos se deparam;
O pobre seus irmãos o desamparam.

O rico, mil amigos lhe apparecem,
O pobre, seus irmãos o desconhecem. (1)

*

Melius est vocari ad olera cum charitate, quam ad vitulum saginatum cum odio.

XV. 17.

Vitella com enfado
Não acceites;
Mas hervas com agrado
Não regeites.

*

Suavis est homini panis mendacii; et postea implebitur os ejus calculo.

XX. 17.

Quem o pão da mentira saboreia,
Depois a bocca sabe-lhe a areia (2)

*

Proverbium est: Adolescens juxta viam suam, etiam cum senuerit non recedet ab ea.

XXII, 6.

Toma em rapaz bom caminho,
Que o segues tambem velhinho. (3)

---

(1) Ineditas e recentes, ambas as traducções.
(2) Tambem inedita e recente.
(3) Tambem inedita e recente.

*

Sicut mala aurea cum figuris argenteis est verbum dictum cum modis suis.

XXV, 11. SANCT. PAGN.

A palavra a proposito e sensata
E' pomo d'ouro marchetado a prata. (1)

*

Tecta perstillantia in die frigoris et litigiosa mulier comparantur.

XXVII, 15.

E' melhor uma gotteira
A pingar a noite inteira
De inverno em cima da gente,
Que um dia de moedeira
A ouvir a companheira
Ralhanda continuamente. (2)

*

Si contuderis stultum in pila quasi ptisanas feriente desuper pito non auferetur ab eo stultitia ejus.

XXVII, 22.

Pega n'um tolo e pisa-o bem n'um gral
Como quem faz farinha de sevada;
Nem assim consegues nada.
Tu não lhe curas o mal.

*

Superbum sequitur humilitas, et humilem spiritu suscipiet gloria.

XXIX. 23.

Um dia o soberbo cae
E o humilhado sobresae.

(1) Inedita e recente.
(2) Idem.

PARA CREANÇAS

(DO ALLEMÃO)

Tendo a mãe de se ausentar
Disse á filha mais velhinha:
«Fica tu em meu logar
De guarda á nossa casinha;

A menina está no berço,
Embala-a suavemente,
Entretendo a innocente
Com esta cantiga em verso:

Avesinhas vinde em bando
A ver anjinho tão lindo
Que a mana está embalando
Contente de o ver dormindo.»

*

Não sei quem eu ouço
No pateo gritar?...
Olha, é o Othão
De satisfação
Por ver no balouço
Vir um para o chão
Outro ir para o ar!
E a rir e pular
Está a gritar:
«Cuidado! senão
Quem der trambolhão
Perdeu o logar
E vou eu então.»

A VICTORIA COLONNA

(Traduzido de Miguel Angelo)

Quanto ao artista ideia o pensamento
Já dentro esconde o marmore precioso ;
Mas só consegue achal-o o venturoso
Cuja mão obedece ao pensamento.

Assim, senhora, angelico portento,
O mal que fujo, o bem que busco ancioso,
Em ti se esconde, em ti ; mas, desditoso,
E' contraria a minh'arte ao meu intento.

Não tem tua bellesa ou menos preço,
Nem fado ou estrella má que me ande unida,
A culpa dos tormentos que padeço.

Tens n'alma vida e morte, anjo, escondida ;
Mas, impotente engenho a tudo avesso,
Só acha morte em vez de doce vida.

ULTIMO SUSPIRO (*)

Fui a semana passada
Visitar o hospital
E vi n'uma enfermaria
O pobre de Portugal;
Perguntei-lhe o que sentia.
— Uma fraqueza geral,
E n'esta edade avançada
E' um achaque mortal:
Vem Oliveira Martins,
Vara-me d'uma estocada!
Vem Augusto 'zé da Cunha,
Ferra-me uma punhalada!

(*) Estes versos de João de Deus,— tremendos pela repercussão que lhes está destinada atravez do nosso futuro, qualquer que elle tenha de ser — são não só ineditos, mas posteriores á publicação do *Campo de Flores*. Agradecemol-o de todo o nosso coração ao grande poeta, e somos felizes (de uma felicidade que nem o proprio assumpto d'esses versos faz menos querida do nosso espirito), podendo fechar com elles este opusculo. Quando João de Deus, ainda alquebrado da doença, os estava escrevendo para nol-os offerecer, uma d'estas noites, — nós que iamos seguindo a sua penna de pato no tracejar d'esses versos memorandos, dissemos-lhe:

— « Escreva... escreva, que está a lavrar a sentença de condemnação do constitucionalismo portuguez e dos seus homens... »

E sem despegar da escripta, a voz de João de Deus respondeu-nos, como se fôra, n'aquelle momento, um echo da voz da Patria:

— « Sim, elles parecem apostados no parricidio... »

Elles — é um pronome pessoal. Nomes, a historia os revessará...

Isto não é caramunha
Que tudo foi com bons fins,
Porque um e outro suppunha,
Tanto Augusto 'zé da Cunha
Como Oliveira Martins,
Que sendo a morte fatal,
Abreviando-me a vida
Me abreviavam o mal.—

E já com a voz sumida
E no arranco final:
— Tratem-me do funeral
Que esta lebre está corrida...

30-12.º-93.

POST-SCRIPTUM

Finis coronat opus!

Quer vêr o sr. Theophilo Braga como a sua edição do *Campo de Flores* nem é *authentica* nem *definitiva? Finis coronat opus!* Offerecemos-lhe as emendas seguintes, feitas pelo proprio punho de João de Deus nos exemplares com que nos brindou:

Pag. 329 Foi sempre egualado :
Foi nunca egualado :

pag. 425 A's vezes dá-se ao medico o dinheiro
Que se devia dar ao aguadeiro.

(A's vezes dá-se ao medico o dinheiro
Que se devia dar ao aguadeiro)

pag. 429 Por certo um accordo eterno:
Por força um accordo eterno:

pag. 432 E com o empenho de estuche,
E como empenho de estuche,

pag. 488 Mas quando a logica falta,
Mas quando a logica estaca,

pag. 514 E com elle passei eu,
E sem elle passei eu,

São seis. Podemos, porém, garantir-lhe que seriam muitas e muitas mais, se a saude do grande poeta lhe permittisse lêr o *Campo de Flores* — com olhos de vêr...